

MINISTÉRIO

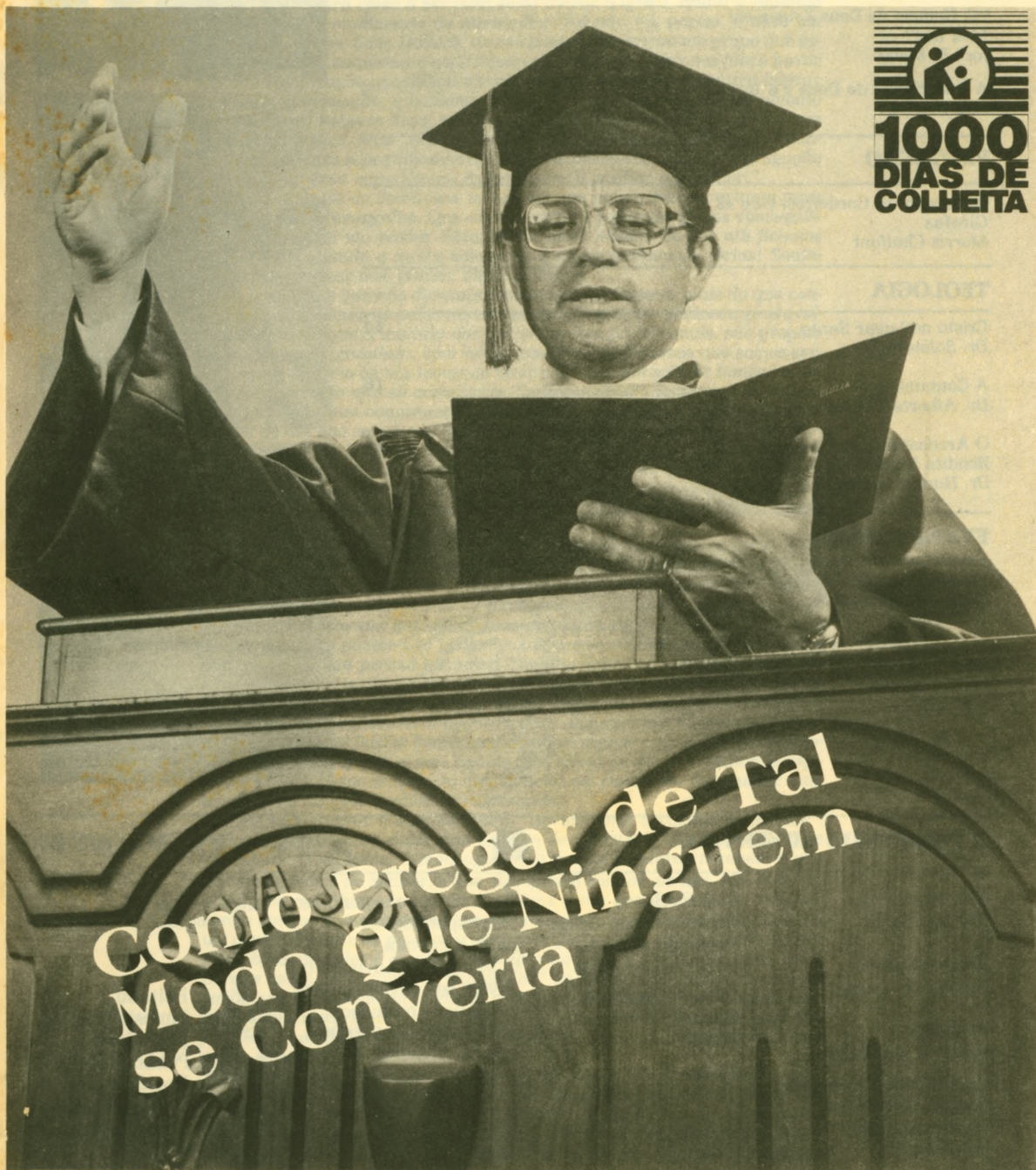
Uma Revista para Pastores e Obreiros

ADVENTISTA

MAI/JUN 84



NÚMERO 3




**1000
DIAS DE
COLHEITA**

Como Pregar de Tal
Modo Que Ninguém
se Converta

ÍNDICE

EDITORIAL

Lembre-se de Southview! 3
B. Russell Holt

ARTIGOS GERAIS

"O Homem de Deus Esteve em
Meu Lar" 4
José R. Mello

A Autoridade de Deus e a Igreja 5
Rodolfo Hein

PREGAÇÃO

Apascente os Cordeiros, Não as
Girafas 9
Morris Chalfant

TEOLOGIA

Cristo no Lugar Santo 11
Dr. Salim Japas

A Contaminação 16
Dr. Alberto Treiyer

O Arrebatamento "Secreto" É a
Bendita Esperança? 18
Dr. Hans K. LaRondelle

EVANGELISMO

Como Preguar de Tal Modo que
Ninguém se Converta 21
E. G. Finney



O MINISTÉRIO ADVENTISTA



ANO 50 — Nº 3 MAI/JUN 84

Gerente Geral:
Wilson Sarli

Redator-Chefe:
Rubens S. Lessa

Redator:
Naor G. Conrado

Colaborador Especial:
Daniel Belvedere
Colaboradores:
João Wolff

José C. Bessa
Alcides Campolongo
Severino Bezerra
Jefte de Carvalho

Direção de Arte:
Rogério Sorvillo
Vieira

Progr. Visual:
César Luís Pagani

Assinatura Anual:
Cr\$ 1.200,00

Todo artigo ou qualquer
correspondência
para a revista
O Ministério Adventista,
devem ser enviados para
o seguinte endereço:
Caixa Postal 12-2600
70279-Brasília, DF

Capa: C. Pagani
Foto Erló



Editado
bimestralmente
pela Casa
Publicadora
Brasileira,

Av. Pereira Barreto, 42 —
09000 - Santo André,
São Paulo

LEMBRE-SE DE SOUTHVIEW!

Se já lhe adveio o pensamento de que sua igreja desabariria e morreria sem a sua constante intervenção ministerial, considere a Igreja Batista de Southview, Lincoln, Estado de Nebraska, com 400 membros.

Quando o pastor de Southview partiu em 1980, levou um ano inteiro até que chegasse o novo pastor. Poder-se-ia esperar que depois de um ano sem pastor, a primeira coisa a ser feita seria avivar a igreja, reunir o rebanho disperso e dar andamento às atividades. Tal não foi, porém, o caso em Southview. O Rev. Eddy Hallock, o novo pastor, encontrou um grupo que estava crescendo numérica e espiritualmente. Os doze diáconos (deve haver alguma significação apostólica nisso) puseram-se imediatamente a liderar os cultos, a pregação, o batismo de novos convertidos e o aconselhamento dos membros. Roberto Rung, um dos doze, admite que houve um vácuo com a saída do pastor, mas "não encerramos as atividades", diz ele. "Animosos um ao outro e partilhámos as responsabilidades. Nossa congregação cresceu com essa experiência. Aprendemos a confiar no Senhor."

A experiência de Southview talvez seja um pouco desconcertante para os ministros do evangelho. Que aconteceria se todas as igrejas conseguissem passar sem um pastor durante um ano? Alguns de nós até ficamos apreensivos quando a igreja sobrevive a nosso período de férias! Southview deve ensinar-nos, porém, algumas lições.

A primeira é que não devemos pensar de nós mesmos mais do que convém (parafraçando as palavras do apóstolo Paulo). Os pastores, provavelmente mais do que a maioria dos outros grupos profissionais, são propensos a ilusões de grandeza, com laivos messiânicos. Dizemos que somos servos, mas a maioria de nós temos de lutar contra a tentação de bancar o rei. Portanto, sempre que se considerar "indispensável", lembre-se de Southview e imagine sua congregação florescendo, crescendo e prosperando — depois de um ano sem a sua liderança! Não estou dizendo que sua função não é necessária e que as igrejas seriam mais bem-sucedidas sem os seus pastores. Tal é o caso de alguns pastores e de algumas igrejas, mas não da maioria. O que quero dizer é que o pastor que realmente acredita que sua igreja não pode funcionar sem ele, cedo ou tarde verá o erro dessa fantasia, geralmente de maneira desagradável.

Em segundo lugar, Southview deveria sugerir-nos alguns padrões diferentes para determinar o êxito pastoral. Você nunca experimentou o regozijo que se apodera de seu coração quando recebe informações de algumas das dificuldades que sobrevieram à congregação da qual saiu recentemente? As coisas estavam indo muito bem enquanto você estava ali, e agora a igreja ou o novo pastor não podem sustentar o que você construiu. Isto não é uma prova de sua proeza pastoral? Tenho a impressão de que Southview aponta noutra direção. Que pastor bem-sucedido não deve ter sido o ministro que partiu, Rev. Dennis Wood, o qual inspirou e preparou os membros de tal maneira que levassem avante a obra da igreja por si mesmos, durante um ano inteiro! Pastor bem-sucedido não é aquele cuja igreja se desintegram após a sua partida, e, sim, aquele cuja igreja foi tão bem edificada espiritualmente por seu ministério que se acha em condições de assumir muitas de suas funções e continuar operando.

Segundo afirmou o diácono Rung, "aprendemos a confiar no Senhor". Isto constitui a chave para essa espécie de ministério bem-sucedido. Com demasiada freqüência, a mensagem que nossos membros recebem é que nós confiaremos no Senhor, e que eles devem confiar em nós. Não é de admirar que após a nossa partida as coisas como que desmoronem até que venha um outro pastor no qual as pessoas possam apoiar-se! Isso constitui um círculo vicioso: as pessoas o apreciam porque tira grande parte da responsabilidade deles e a coloca toda sobre o pastor; e o pastor gosta disso porque assim ele se torna o "papaizinho" da igreja. E um pouco de comisseração própria devido ao fardo de responsabilidades que ele carrega também pode causar uma boa impressão. Tal sistema talvez produza pastores "fortes", mas debilita as igrejas, e milhares se encontram precisamente nessa situação.

O pastor que realmente é bem-sucedido se sente suficientemente seguro para delegar responsabilidades a seu rebanho sem o receio de que isso prejudique sua posição como pastor. É verdade que a maioria dos pastores não gostam de delegar responsabilidades. Mas também é verdade que a maioria dos membros se opõem, com unhas e dentes, a que as responsabili-

dades sejam transferidas para eles. Sem dúvida, isto acontece até mesmo em tão brilhante exemplo como a Igreja Batista de Southview, pois o diácono Rung acha que a maioria das pessoas não sabem como ser usadas por uma igreja. Elas não concebem o potencial de que dispõem. Mas uma parte da mensagem cristã, se for levada a sério, diz ele, é a seguinte: "Somos idóneos em Cristo."

Transmitir esse conceito à congregação e adestrá-la e induzi-la a pô-lo em prática é um assunto completo em si mesmo. Southview deveria dizer-nos, porém, que um pastor é bem-sucedido na medida em que consegue preparar seu povo para aceitar e cumprir responsabilidades de maneira satisfatória. Durante um ano inteiro os membros da Igreja Batista de Southview cuidaram razoavelmente bem de grande parte do que seu pastor havia efetuado, embora não estivesse ali nenhum pastor para ajudá-los. Você não acha que os membros de sua igreja deviam ser capazes de realizar uma porção de tarefas que você tem realizado, especialmente se você ainda se encontra ali para orientá-los? Pastores prudentes — e os que evitam ataques cardíacos — delegam tudo que podem.

Mais interessante ainda do que o fato de que esses doze diáconos da Igreja Batista de Southview conseguiram manter a igreja em funcionamento durante tanto tempo, sem um pastor, talvez seja que quando chegou o novo pastor, eles não se afastaram prazerosamente, deixando que ele assumisse sozinho todas as funções de liderança usuais. Esses diáconos labutam agora, em certo sentido, como "pastores assistentes", dirigindo vários grupos de comunhão e estudo dentro da igreja. E o Rev. Hallock, o novo pastor, sente-se feliz com isso. Diz ele: "Não posso atender pessoalmente a cada um dos 350 a 400 membros da congregação. O dia não tem tantas horas assim. Os pastores devem orar por dirigentes habilitados."

A Igreja Batista de Southview parece ter tido sorte tanto com o pastor que partiu como com o que chegou. O primeiro deixou uma igreja que conseguiu funcionar muito bem sem ele, e o outro, evidentemente, não ficou intimidado por esse motivo.

Na próxima vez, portanto, que você perguntar a si mesmo o que sua igreja faria sem a sua pessoa, lembre-se de Southview. Como essa igreja, a sua talvez também efetue tudo muito bem. E isso será um sucesso para você.

B. Russell Holt

ARTIGOS GERAIS

“O Homem de Deus Esteve em Meu Lar”

José R. Mello
Pastor Distrital em Castro,
Est. do Paraná

Nas páginas sagradas estão registradas as palavras do título de nosso artigo.

Como ministro de Deus, isto já me fez pensar, várias vezes, e perguntar para mim mesmo, quando em visitaçao, ao sair dos lares visitados: Foi esta a impressao que ali deixei? Dirá aquela familia que visitei o mesmo que foi dito do profeta de Deus? Como foi o meu comportamento ali? Falei com meu

Deus e dos Seus planos para com Seus filhos? Enfim, mostrei que realmente sou um homem de Deus?

Caros companheiros de ministério, vivemos numa conjuntura que muito tem contribuído para que irmãos pertencentes ao nosso rebanho tenham as impressões mais negativas e humilhantes do ministério.

O ministério adventista "para tal tempo como este" devia ser o mais

consagrado de todos os tempos. Por quê? Porque somos os mensageiros do Senhor na hora undécima! Temos que fazer a trombeta soar, dar o somido certo para um mundo conturbado, cambaleante, cheio de mazelas. Todos nós sabemos que vivemos em dias sem precedentes na história da humanidade. Nunca o mal se agravou tanto.

Está na hora de fazermos um inventário de nossa vida e de nosso ministério, como ministros de Deus. Mudar o quadro, porque em geral não estamos bem. Os membros estão sentindo isto. Alguns anciãos equilibrados de algumas igrejas grandes têm-me segredado as suas preocupações: sermões sem vida, destituídos de espiritualidade, monótonos; na visitaçao, muita coisa a desejar. Companheiros, não estou generalizando. Nem tudo está perdido. Mas, quer queiramos, quer não, este é o quadro que se apresenta diante de nós.

A Igreja precisa ver nos seus pastores verdadeiros líderes espirituais. Os membros precisam notar que nos ministros é manifestada a

“fé que uma vez foi entregue aos santos”; e, em nossa vida ministerial, devemos dar provas da obra que estamos a realizar.

Bem sabemos que o Espírito do Senhor está Se retirando pouco a pouco da Terra. De forma clara, o relógio divino marca as derradeiras horas; a última batalha logo está travada, e os soldados do grande General ainda não têm seus arcos entesados.

Estabeçamos um programa de visitação de tal forma que os irmãos percebam que agora quem os visita é “o Homem de Deus”, e os resultados virão, pois o que a Igreja está precisando é ver um ministério autêntico, sem máscara, e a Igreja o acompanhará para terminar a tarefa. Então Cristo poderá buscar-nos. **GA**

Paulo Gusmão/Casa



A AUTORIDADE DE DEUS E A IGREJA

Rodolfo Hein

*Diretor do Departamento de Teologia
do Colégio Adventista de Costa Rica*

É evidente que nosso mundo está se debatendo numa infinidade de crises de praticamente toda índole, de tal modo que se pode dizer que as crises estão ameaçando sepultar nossa civilização num holocausto sem paralelo na história humana.

Entre as muitas crises há uma que se destaca e que indubitavelmente está na própria raiz de todas as outras. Refiro-me à crise de autoridade, que chegou a um ponto no qual o observador pergunta a si mesmo se ainda é possível chegar a extremos mais perigosos e destrutivos.

Esta situação afeta a Igreja, que não está num campo estéril, mas no mundo. Deus permita que seja guardada deste mal tão destrutivo! Precisamos reconhecer, porém, que isto só se dará se estiver plenamente consciente de qual é sua autoridade suprema e se achar disposta a aceitar essa autoridade até suas últimas implicações.

Qual é essa autoridade suprema? Está na consciência ou na razão de cada indivíduo, sendo portanto subjetiva ou interna? Falando deste perigoso conceito religioso da atualidade, o Prof. R. A. Finlayson disse:

“O subjetivismo que não pode ser provado pela realidade das verdades da Escritura abre assim a porta a muitos perigos espirituais, e o menor não é a possibilidade de que o espírito humano seja invadido por influências do mundo espiritual que não são de Deus. Por esta razão, se não houvesse outra, seria necessário que nós, do mesmo modo que os primeiros discípulos de Cristo, nos volvéssemos para as experiências mais elevadas, para a ‘segura palavra profética’ (II S. Ped. 1:19). A invocação à autoridade do Espírito para contradizer a autoridade das Escrituras de fato ameaça tornar-se a blasfêmia particular de nossa época.”¹

Sabemos que a autoridade do

cristão é objetiva, que está fora dele, que se baseia em Deus. Mas, como essa autoridade se expressa em forma concreta e prática? Como chega ao homem de maneira autoritativa e normativa? De que modo e segundo que cadeia de autoridade ela chega à Igreja e ao indivíduo?

Santo Agostinho já se preocupava com este problema, e chegou corretamente à conclusão de que Deus expressa Sua autoridade através da auto-revelação, sendo, portanto, o princípio da autoridade o Deus Trino e Uno. Se auto-revelando. Este conceito é livre de subjetivismos, pois não admite tantas autoridades como indivíduos, mas uma só autoridade: Deus; e uma só verdade, a auto-revelação que Deus, em Sua condescendência, faz de Si mesmo. Forsyth o expressa desta maneira:

“Na religião, o movimento principal do conhecimento é no sentido

contrário ao da ciência. Na ciência nós nos movemos em direção ao objeto do conhecimento. Na religião o objeto do conhecimento se move em nossa direção.... A religião só é possível pela revelação."²

Ao falar da auto-revelação de Deus ao homem, devemos considerar sempre que Ele não o faz individual ou subjetivamente a cada crente, e, sim, a pessoas específicas, escolhidas e chamadas por Ele a uma relação e a um ministério especial. Estas pessoas são conhecidas como profetas. Falam-nos com autoridade, porque nos apresentam as palavras de Deus, que lhes foram reveladas. Desobedecer-lhes é desobedecer a Deus, desprezá-los é desprezar a Deus. Foi por isso que Deus pôde dizer a Samuel, quando Israel pediu um rei: "Não te rejeitaram a ti, mas a Mim."³ A palavra dos profetas é palavra de Jeová, como declara Isaías: "Ouvi, ó céus, e dá ouvidos, ó Terra, porque o Senhor é quem fala."⁴ Expressões semelhantes a esta se encontram, segundo o Dr. Gerhard F. Hasel, 1.356 vezes no Antigo Testamento.⁵

Bem cedo em sua história, a Igreja cristã perdeu este conceito e começou a pôr a autoridade humana no lugar em que deveria ter estado a autoridade divina. Em meados do terceiro século, ouvimos Cipriano, bispo de Cartago, dizer: "O bispo está na igreja e a igreja no bispo." E o Papa Bonifácio VIII, na bula *Unam Sanctam*, declara no ano 1302: "Nós, portanto, proclamamos, declaramos e pronunciamos que é completamente necessário à salvação de todo ser humano estar sujeito ao pontífice romano."⁶

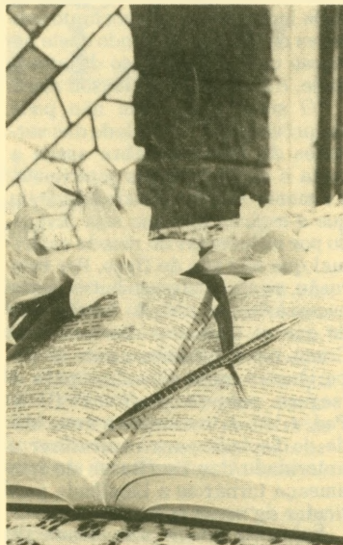
A Reforma do Século XVI retornou ao conceito sustentado por Cristo e os apóstolos, colocando a Palavra de Deus como a suprema autoridade do cristão. Isto é expresso no princípio fundamental de "*Sola Scriptura*", formando assim a trilogia das "solas" da Reforma: "*Sola Fide*", "*Sola Gratia*" e "*Sola Scriptura*".

Quando o monge de Wittenberg compareceu perante o jovem Imperador Carlos V, em Worms, no dia 17 de abril de 1521, para dar razão de seus escritos, declarou ousadamente diante dos grandes da Igreja e do Império, que ali se haviam reunido para julgá-lo, que não alteraria sua posição bíblica, "a menos que seja convencido pela Escritura ou pela razão evidente.... Minha consciência é prisioneira da Palavra de Deus.... Esta é minha posição; não posso fazer outra coisa. Deus me ajude. Amém".⁷

Quando chegar o fim, Deus terá sobre a Terra um povo que mantenha a Bíblia, e a Bíblia só, como norma de todas as doutrinas e base de todas as reformas.

Para os reformadores, "a Igreja é a criação da Bíblia, e não vice-versa.... O Espírito governa a Igreja através da Escritura".⁸ Ou como dizia Calvino: "Devemos à Escritura a mesma reverência que a Deus, porque ela procedeu dEle."⁹

Como reação à posição da Reforma, o Concílio de Trento, em sua quarta sessão, a 8 de abril de 1546, declarou que as Escrituras canônicas, incluindo os apócrifos e a tradição, deviam ser recebidas e veneradas "com igual afeto, piedade e reverência". Se analisarmos, porém, o conceito católico romano sobre a autoridade até suas últimas implicações, verificaremos que para eles a autoridade reside, não nas Escrituras, ou nas Escrituras e na Tradição, mas na Igreja, ou melhor, em seu Magistério Docente. Esse Magistério se compõe de todos os bispos em comunhão com o de Roma. Isto realmente coloca toda a autoridade em mãos do papa.



Werner Biemann/Casas

Escrevendo a este respeito, um teólogo católico contemporâneo disse o seguinte: "O católico não pergunta em primeiro lugar: Que diz o Livro? Antes, sua pergunta é: Que diz a Igreja docente? ... Acima do Livro está a Igreja, ao passo que o conceito da Reforma põe o Livro acima da Igreja."¹⁰

Sempre devemos ter em conta que para a mente católica a Igreja é a criadora da Palavra, o que faz com que ela sempre se considere superior. O conceito protestante, porém, é que está certo. Chillingworth expressou-o desta maneira: "A Bíblia, digo, só a Bíblia, é a religião dos protestantes."¹¹

A religião da Bíblia é uma religião da Palavra. A Palavra falada por Deus e a Palavra ouvida, aceita e praticada pelos homens em sua vida diária. O homem deve ouvir com atenção humilde, tranqüila e reverente. Deve deixar de lado suas idéias e conceitos preconcebidos e escutar com um espírito suscetível e disposto a ser ensinado como viver de "toda palavra que procede da boca de Deus".¹² Os filhos de Deus estão conscientes de que, quando erram, o fazem "não conhecendo as Escrituras".¹³ Portanto, perguntam constantemente: "Que está escrito na lei?"¹⁴ Sabem sem a menor dúvida que "quem é de Deus ouve as palavras de Deus".¹⁵ "Temos de receber esta Palavra como autoridade suprema"¹⁶, visto que, "em Sua Palavra, Deus conferiu aos homens o conhecimento necessário à salvação".¹⁷ Ela é "nossa regra de fé e disciplina".¹⁸ E quando chegar o fim — e hoje estamos vivendo nesse tempo — "Deus terá sobre a Terra um povo que mantenha a Bíblia, e a Bíblia só, como norma de todas as doutrinas e base de todas as reformas".¹⁹

Um dos fatos mais tristes é que "há em nosso tempo um vasto afastamento das doutrinas e preceitos bíblicos, e há necessidade de uma volta ao grande princípio protestante — a Bíblia, e a Bíblia só, como regra de fé e prática".²⁰ Falando de sua posição, a mensageira do Senhor nos diz:

"Tomo a Bíblia tal como ela é, como a Palavra Inspirada. Creio nas declarações de uma Bíblia inteira.... Irmãos, apegai-vos à Bíblia, tal como reza, ... e obedeci à Palavra, e nenhum de vós se perderá."²¹

"Em vez de pôr meu juízo sobre a Palavra de Deus, ou declarar o que dela é inspirado e o que não é, preferiria que me cortassem ambos os braços à altura dos ombros."²²

H. C. G. Moule, bispo anglicano, dá testemunho de sua fé nas Escri-

turas da maneira que segue: “[Cristo] confiou inteiramente na Bíblia. Embora ela contenha coisas inexplicáveis e complicadas que muito me têm intrigado, confiarei... reverentemente no Livro, por Sua causa.”²³

Sempre devemos ter em mente que a Escritura não é meramente escrita, mas também falada. “A Palavra do Deus vivo não é somente escrita, mas também falada. A Bíblia é a voz de Deus falando a nós tão certamente como se a pudéssemos ouvir com nossos próprios ouvidos.”²⁴ Isto significa que devemos escutar, prestar atenção obediente, e não apenas ouvir. O antigo Israel ouvia, mas não estava disposto a aceitar a Palavra divina como tendo valor normativo para sua vida. Deus os admoestou reiteradas vezes com palavras semelhantes a estas: “Eu vos falei, começando de madrugada, e não Me ouvistes, chamei-vos e não Me respondestes.”²⁵ Devemos aceitar humildemente a vontade de Deus, como nos é declarada em Sua Palavra, e cumpri-la. “Não procureis esquadrinhar as Escrituras a menos que estejais dispostos a escutar, a menos que estejais dispostos a ser ensinados, a menos que estejais dispostos a prestar atenção à Palavra de Deus como se a Sua voz vos estivesse falando diretamente dos oráculos vivos.”²⁶

“Toda Escritura é inspirada por Deus”²⁷ e não somente procede de Deus, “mas os homens santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo”.²⁸ Desta ação divina procede a Bíblia, que é o resultado da Palavra de Deus e da inspiração do Espírito Santo. Este, falando nas Escrituras, que constituem o produto da ação reveladora e inspiradora de Deus, é a autoridade para a Igreja. Não são duas autoridades, como alguns parecem dar a entender, e, sim, uma, e uma só. “No que diz respeito à autoridade religiosa, o Espírito e a Palavra estão indissoluvelmente unidos. As Escrituras funcionam no ministério do Espírito, e o Espírito funciona no instrumento da Palavra.”²⁹

Disse Calvin: “Assim como Deus só pode atestar apropriadamente Suas próprias palavras, estas palavras não obterão inteiro crédito no coração do homem até que sejam seladas pelo testemunho interno do Espírito. Portanto, o mesmo Espírito que falou por boca dos profetas deve penetrar em nosso coração para convencer-nos de que eles transmitiram fielmente a mensagem que lhes foi divinamente confiada.”³⁰



Arq. Casa



Arq. Casa

A Sr. White apóia esta posição ao dizer: “Só nos é possível chegar a compreender a Palavra de Deus mediante a iluminação do Espírito pelo qual ela foi dada”,³¹ e “a pregação da Palavra não será de nenhum proveito sem a contínua presença e ajuda do Espírito Santo. Este é o único Mestre eficaz da verdade divina. Unicamente quando a

verdade chega ao coração acompanhada pelo Espírito, vivificará a consciência e transformará a vida.”³² Por conseguinte, “o princípio formal da reforma não baseia a autoridade só na Escritura, nem só no Espírito, e, sim, na Escritura abonada pelo Espírito. Nesta relação recíproca o Espírito não constitui a autoridade, antes testifica da autoridade”.³³

Devemos ter o cuidado de evitar dois perigos:

1. Buscar o ministério do Espírito separado da Escritura; ou
2. Apelar para a Escritura separada do ministério do Espírito.

"Aquele que crê que o Espírito verdadeiramente deu a Escritura, mas agora deixa sua apropriação a cargo de nossa razão natural, está dolorosamente errado. Pelo contrário, o Espírito Santo que deu a Escritura é Ele mesmo o Autor perfeito de toda apropriação de seu conteúdo pelo indivíduo, e de toda aplicação dela a sua pessoa. Por si mesma, a Bíblia não é mais que um meio e um veículo, ou, se o preferirem, o instrumento preparado por Deus para a obtenção de Seu propósito espiritual, mas sempre através da própria presença do Espírito



Arquivo Casa

to Santo."³⁴ A Inspiração nos diz: "O Espírito não foi dado — nem nunca o poderia ser — a fim de sobrepor-se à Escritura; pois esta explicitamente declara ser ela mesma a norma pela qual todo ensino e experiência devem ser aferidos."³⁵ Nunca devemos olvidar que "a espada do Espírito... é a Palavra de Deus".³⁶

Não se pode introduzir uma cunha entre o Espírito e a Bíblia, entre a Bíblia e Cristo, e entre Cristo e o Espírito. Eles formam um mosaico indivisível de autoridade divina.

Podemos dizer, portanto:

1. Nossa autoridade é o Espírito Santo falando nas Escrituras, ou
2. Nossa autoridade é a Escritura selada em nós pelo Espírito.

No centro da autoridade de Deus o Espírito Santo focaliza a pessoa e a obra de Cristo, e só quando o Espírito levou o crente a este centro da revelação divina é que o crente percebe toda a revelação e aceita a autoridade de Deus como sendo normativa para ele. É levado "cativo todo pensamento à obediência de Cristo".³⁷ O próprio eu se submete à autoridade de Deus.

Verificamos, então, que a autoridade religiosa, para nós, é:

1. Cristo, que é a Palavra viva e pessoal de Deus; Sua suprema revelação e o supremo depósito do conhecimento de Deus. Colos. 2:3.
2. O Espírito Santo que transmite a revelação, delegando nela Sua autoridade, e que testifica de Sua divindade.

3. As Escrituras Sagradas, inspiradas pelo Espírito Santo, e que, portanto, são o documento da revelação, testificam supremamente de Jesus Cristo e constituem o instrumento do Espírito Santo para efetuar a iluminação.³⁸

Tudo isto se une para formar a cadeia da autoridade para o obediente filho de Deus. As autoridades não são três, mas elas formam uma unidade indivisa:

"O único Cristo conhecido é o Cristo da Escritura, e o único Espírito conhecido é o Espírito de Jesus Cristo. Não se pode introduzir nenhuma cunha entre o Espírito e a Bíblia, entre a Bíblia e Cristo, e entre Cristo e o Espírito. Eles formam um mosaico indivisível de autoridade divina. O ministério do Espírito é dar testemunho de Cristo. Para que Cristo possa ser um conceito real e prático, uma pessoa captável pela imaginação, deve estar intimamen-

te associado a uma existência histórica, e esta existência histórica deve estar registrada para ser usada instrumentalmente pelo Espírito Santo."³⁹

O princípio primário de autoridade, Deus, tem produzido em Sua auto-revelação o princípio imediato ou material da autoridade: O Espírito Santo falando nas Escrituras e por meio delas. "Por intermédio das Escrituras o Espírito Santo fala à mente, e grava a verdade no coração... É pelo Espírito de verdade, operando pela Palavra de Deus, que Cristo submete a Si Seu povo escolhido."⁴⁰ ■■

Bibliografia:

1. Carl F. H. Henry, ed., *Revelation and the Bible*, pág. 130.
2. P. T. Forsyth, *The Principle of Authority*, págs. 150 e 151.
3. I Samuel 8:7.
4. Isaías 1:2 e 10.
5. Gerhard Hasel, *General Principles of Biblical Interpretation*, North American Division Bible Conferences, 1974, pág. 3.
6. *The New Schaff-Herzog Encyclopedia of Religious Knowledge*, vol. XII, artigo *Unam Sanctam*.
7. Roland Bainton, *Here I Stand*, págs. 185-187.
8. *Luther's Works*, ed. Jaroslav J. Pelikan e Helmut T. Lehmann, XXIV, pág. 362.
9. Carl F. H. Henry, ed., *Revelation and the Bible*, pág. 231.
10. Weigle, em Fremantle, *The Papal Encyclicals*, pág. 11.
11. *The Religion of Protestants*, pág. 463.
12. S. Mateus 4:4.
13. S. Mateus 22:29.
14. S. Lucas 10:26.
15. S. João 8:47.
16. Ellen G. White, *Obreiros Evangélicos*, pág. 404.
17. Ellen G. White, *O Grande Conflito*, Introdução, pág. 8.
18. Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas*, Livro 1, pág. 416.
19. Ellen G. White, *O Grande Conflito*, pág. 601.
20. *Idem*, págs. 202 e 203.
21. Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas*, Livro 1, págs. 17 e 18.
22. Ellen G. White, *Manuscrito 13*, 1888.
23. John Battersby Harford e Frederick Charles Mac Donald, *The Life of Bishop Moule*, pág. 138.
24. Ellen G. White, *Testimonies*, vol. 6, pág. 393.
25. Jeremias 7:13.
26. Ellen G. White, *Manuscrito 13*, 1888; *SDABC*, vol. 7, pág. 919.
27. II Timóteo 3:16.
28. II S. Pedro 1:21.
29. Bernard Ramm, *The Pattern of Religious Authority*, pág. 29.
30. Calvino, *Institutes*, I, VII, 4.
31. Ellen G. White, *Caminho Para Cristo*, pág. 94.
32. Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 647.
33. J. N. Thomas, citado por Bernard Ramm, em *The Pattern of Religious Authority*, pág. 32.
34. Kuyper, *Principles of Sacred Theology*, págs. 402 e 398.
35. Ellen G. White, *O Grande Conflito*, Introdução, pág. 9.
36. Efésios 6:17.
37. II Coríntios 10:5.
38. Bernard Ramm, *The Pattern of Religious Authority*, pág. 36.
39. *Idem*, pág. 46.
40. Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, ed. popular, pág. 646.

Apascente os Cordeiros, não as Girafas

Morris Chalfant

Pastor da Primeira Igreja do Nazareno,
em Norwood, Ohio, EE.UU.

Quando Adão e Eva foram expulsos do Jardim do Éden, Eva virou-se para Adão e perguntou:

— Oh! que será de nós agora?

Adão respondeu:

— Estamos prestes a experimentar uma abrupta transformação sócio-econômica!

Pelo menos é assim que teria sido a conversação se os clérigos tivessem a oportunidade de relatá-la em sua linguagem profissional! O redator da seção de religião da revista *Time* censura os eruditos protestantes por seu vocabulário rebuscado com estas palavras moderadamente sarcásticas: "Hoje em dia, nenhum teólogo digno de seu doutorado ousaria falar de pregação ou ensino — as formas convencionais são *kerigma* e *didache*."

Se você quer ser um pregador que traga bênçãos para sua congregação, evite o insípido jargão profissional que se torna enfadonho e obscuro devido a empréstimos do grego ou do alemão e por causa de uma porção de expressões que não têm sentido, a menos que sejam reduzidas a alguma coisa mais simples. A respeito de nosso Senhor é declarado que "a grande multidão O ouvia com prazer" (S. Mar. 12:37). É na espuma da linguagem comum que deve ser tirado o amido da maneira afetada de falar de muitos pregadores. Todos os poderosos evangelistas, através dos séculos, têm sido homens que expõem as Escrituras e apresentam a Cristo de maneira simples, direta e persuasiva.

Agostinho disse certa vez: "Uma chave de madeira não é tão bela como uma chave de ouro; mas, se ela consegue abrir a porta quando a chave de ouro não pode fazê-lo, é



Arquivo Casa

muito mais útil." Lutero acrescenta: "Ninguém pode ser um bom pregador para o povo se não estiver disposto a pregar de um modo que pareça ser pueril e grosseiro para alguns." João Wesley escrevia todos os seus sermões na íntegra, e os lia para a criada. Todas as palavras que ela não conseguia entender eram eliminadas.

Na atualidade, alguns "dirigentes" religiosos parecem encarar a simplicidade com desprezo. Dão a impressão de acreditar que um sermão deve ser uma profunda exposição sobre alguma questão socioló-

gica ou mesmo política. Tais pastores, aparentemente, supõem que são uma espécie de assistentes do Congresso. Seja aprovado um projeto de lei, e o mundo estará em boa forma — essa é a noção corrente. Outros pastores, que foram um pouco além da sociologia, agora se consideram teólogos e estão perscrutando profundamente os mistérios do Universo. Onde, porém, tudo isso deixa as pobres almas assentadas na congregação?

Quando Karl Barth, o famoso teólogo, visitou os Estados Unidos, um grupo de jovens estudantes de

Teologia foi interrogá-lo. Um deles pediu que Barth condensasse sua definição da fé cristã, e esperava uma longa declaração cheia de termos teológicos dos quais pudesse discordar e fazer com que Barth se empenhasse em outras considerações intelectuais. O teólogo suíço refletiu por uns momentos, e então disse: "Aprendi tudo isso aos joelhos de minha mãe. Com efeito, se eu tivesse de resumir o cristianismo, creio que diria o que minha mãe me ensinou: 'Jesus me ama, bem sei, pois a Bíblia assim me diz.'"

Ninguém gosta de perguntar a si mesmo depois de ter ido à igreja: "Que será que o pregador queria dizer?" Ou: "O que isso tem que ver comigo?" Semelhante reação geralmente resulta, não da falta de inteligência dos ouvintes, mas do uso de jargão bíblico ou teológico por parte do pregador. Quem apreciará o sermão, se tiver de usar um dicionário ou um glossário teológico? Muitos pregadores eruditos têm dificuldade para expressar-se na linguagem popular. De fato, alguns levam anos para explicar as grandiosas idéias da fé em palavras que as pessoas medianas usam ao debater coisas mais simples. Mas o pregador precisa fazer a transição de sua linguagem empolada, senão estará pregando para o vento, e sua arenga voará de volta para ele, rejeitada por sua perplexa congregação. Comunicar eficazmente as insondáveis riquezas da verdade de Deus ainda é nossa principal tarefa.

Uma menina de onze anos de idade ouviu os adultos falarem muito a respeito do brilhante e novo pastor. Depois de ouvi-lo pela primeira vez pregar um sermão admiravelmente claro, ela disse: "Papai, esse pregador não é tão hábil assim. Eu entendi todas as palavras que ele disse!" O fato é que esse pregador não somente era brilhante, mas também prudente, pois seguia o exemplo de Jesus. Pregava numa linguagem que todos podiam compreender. Pregava com poder.

Simplicidade na pregação não quer dizer pregação superficial, e, sim, clareza de pensamento e expressão — a habilidade de contar aos outros o que temos visto e sentido, até que eles o vejam e sintam por si mesmos. O nevoeiro é bom para o feijão-de-lima; ele viceja em sua viscosa umidade. Mas os nevoeiros pouco têm a oferecer aos homens. Experiências científicas têm indicado que uma camada de nevoeiro de um metro de espessura, dois metros de altura e trinta metros de comprimento contém me-



Paulo/Casa

João Wesley escrevia todos os seus sermões na íntegra, e os lia para a criada. Todas as palavras que ela não conseguia entender eram eliminadas.

nos do que a sétima parte do conteúdo de um copo de água. Não se pode mitigar a sede com o nevoeiro; nem banhar-se nele. Só há uma coisa que se deve fazer com o nevoeiro: conservar-se fora dele! O evangelho não ficava envolto num nevoeiro quando Cristo e Paulo o apresentavam.

Pregar um sermão deve ajudar as pessoas a viver num mundo difícil e complicado. Muitas vezes tenho necessitado de ajuda; e ainda preciso de auxílio. Graças a Deus tenho conseguido obtê-la por meio da pregação. Por isso, quando me levanto para falar detrás do púlpito, meu grande desejo é, em nome de Cristo, prestar algum auxílio aos outros.

* Em todas as nossas pregações, portanto, sejamos simples, claros, concisos e profundamente fervorosos. Lembre-se de que Jesus disse: "Apascenta os Meus cordeiros" — não as girafas! Alguns pregadores têm o instinto de aviadores — anunciam um texto, rolam sobre a pista por um breve período de tempo, e então levantam vôo e desaparecem nas nuvens. Depois disso só se ouve o estrépito das explosões da gasolina, denotando que estão voando alto, muito acima da cabeça de seus ouvintes. Mudando de figura, um sermão, apresentado corretamente, não deve ser um meteoro, mas um sol. Seu verdadeiro teste é o seguinte: Pode dar crescimento a alguma coisa?

Jorge Fox, buscando orientação espiritual, andou uns doze quilômetros a pé para falar com um clérigo que tinha a reputação de ser útil. "Achei, porém, que ele era semelhante a um casco vazio e oco", disse Fox pesadamente. O problema com a nossa pregação é que, com demasiada freqüência, as pessoas buscam a água da vida, e só encontram um casco vazio. Mas, às vezes encontram água — quando o pregador, com simplicidade e autoridade, proclama a Jesus Cristo.

Alimente seu povo com o pão da vida; faça com que tomem grandes sorvos da água da vida. Cuide para não confundir comunicação simples e fácil com estudo e pregação superficiais. Pode cavar bem fundo, mas não deve estar seco ao vir à tona. Use suas ferramentas profissionais em casa, mas leve apenas a Palavra Inspirada para o púlpito. Com a ajuda de Deus, seus sermões podem ser profundamente simples e singelamente profundos.

CRISTO NO LUGAR SANTO

Dr. Salim Japas

Esta dissertação tenciona indagar, na tipologia das Escrituras, o simbolismo oculto dos móveis do Lugar Santo, especialmente o da Mesa dos Pães da Presença e sua relação com a coroação de Cristo em Sua ascensão.

É necessário dizer de imediato que a tipologia é um ramo do saber religioso absolutamente indispensável para entender corretamente a revelação divina.¹ Num capítulo dedicado à interpretação tipológica, Von Rad chama a atenção para o fato de que a recente investigação teológica mostra um ressurgir do pensamento tipológico que se fundamenta como uma das causas essenciais da gênese do vaticínio profético.² Von Rad pergunta se nossa avaliação teológica do Antigo Testamento e nossa determinação da relação entre ambos os Testamentos pode prescindir da tipologia, a qual — insiste ele — deve ser usada como qualquer outra ferramenta teológica na busca de uma compreensão de conjunto.³

Os usos e abusos da tipologia bíblica têm sido examinados por Childs, o qual lhe dedica um capítulo em sua exegese do livro de Êxodo.⁴ Childs insiste que embora seja verdade que não queremos retornar à época das exagerações, também não podemos desconhecer o fato de que em nossos dias os exegetas do Antigo Testamento estão redescobrimdo o valor da tipologia.⁵

O fato de que nenhum detalhe da construção do Santuário do deserto tenha sido entregue à insegurança das decisões humanas indica um designio divino em que o concreto material está inseparavelmente unido a um sentido espiritual que o transcende. Para o crente cristão, esse sentido espiritual tem por meta o Senhor Jesus, o qual é o destinatário final de toda tipologia (S. Lucas 24:25-27, 45-49).⁶

Nomes Dados ao Santuário

A Bíblia designa o Tabernáculo com diferentes termos hebraicos, cada um dos quais descreve aspectos estruturais e significativos do próprio edifício e de sua liturgia.⁷



Há pelo menos cinco nomes ou títulos que são dados ao Tabernáculo, e cada um desses nomes lança certa luz, para se entender melhor a natureza e a função do mesmo.

1) Miqdash (Êxodo 25:8). Esta palavra hebraica traduzida por "santuário" tem a conotação de algo sagrado. Deriva de QADOSH, significando algo separado, apartado para um uso especial.

2) Mishkan (Êxodo 25:9). É traduzida por "tabernáculo" e provém do verbo SHAKAN, que significa habitar⁸ no estilo de um vizinho próximo.

3) Ohel (Êxodo 26:36). A Bíblia de Jerusalém e a Edição Revisada e Atualizada no Brasil traduzem corretamente essa palavra por "tenda", e ela dá a idéia de uma morada temporal.⁹

4) Ohel Moed (Êxodo

29:42). A Bíblia de Jerusalém traduz literalmente estas palavras por "tenda de reunião", e a Edição Revisada e Atualizada no Brasil diz "tenda da congregação". Na realidade, "tenda de reunião" significa "tenda da revelação", pois é ali que Deus entra em diálogo com Seu povo.

5) Mishkan Haedut (Êxodo 38:21). Significa "tabernáculo do testemunho". É provável que este nome lhe tenha sido dado por causa das tábuas do testemunho ou Dez Mandamentos depositados dentro da Arca.

De acordo com os seus nomes, o Tabernáculo passaria a ser uma tenda sagrada e temporal em que Deus habitava no meio de Seu povo. Além disso, porém, a "tenda de reunião", com seu conteúdo litúrgico, antecipa em sua tipologia verdades salvíficas e cristológicas essenciais à compreensão da proclamação evangélica, como é indicado

especificamente na Epístola aos Hebreus.

Mensagem Religiosa do Tabernáculo

O "tabernáculo do testemunho" proclama, pois, por meio de seus símbolos e tipos, verdades religiosas fundamentais para a fé cristã. Algumas dessas verdades são expostas a seguir:

1) É o *recinto sagrado em que Deus habita* (Êxodo 25:8; 29:44 e 45) aqui na Terra no meio de Seu povo. Mas Deus também mora no Céu, onde tem Seu próprio templo e é exercido Seu governo para a harmonia do Universo (Atos 7:48-50; Salmo 11:4). A idéia de um trono ou templo de Deus no Céu era comum entre os judeus da época apostólica.¹⁰ O trono de Deus, assim como o viram os profetas, não era estático, ou imóvel; pelo contrário, há uma *dinâmica* que assombra. Leia-se com cuidado Ezequiel capítulo 2 e Daniel capítulo 7, e observe-se que no primeiro caso as *rodas* ocupam um lugar de proeminência, e em Daniel há um *deslocamento* do trono. Neste último exemplo se vê o Pai e o Filho *moverem-se* de um lugar onde está o trono para outro lugar onde o trono fica estabelecido. A descrição do trono de Deus que aparece em Apocalipse capítulos 4 e 5 é impressionante. O trono, aí, parece ser circular e diante dele há um altar de incenso (Apocalipse 8:3-5); também há sete lâmpadas ardendo, e Jesus, o "Cordeiro", está à direita de Seu Pai (Apocalipse 5:7 e 9; 3:21).

2) A *Vontade de Deus para Seu povo* é revelada do Tabernáculo. O povo é dirigido de dia por uma coluna de nuvem, e de noite por uma coluna de fogo (Números 9:15-23) e, enquanto o povo exerce sua liberdade dentro dos limites das leis divinas, o rumo é claro e o destino brilhante (Salmo 99:1-9). Nesta relação, como já dissemos e insistimos (Ezequiel 43:1-7; 1:5-28), não se concebe a Deus como uma deidade estática, imóvel ou restringida a determinada localidade geográfica.¹¹ Deus é o Todo-poderoso que *viaja* com Seu povo, que *muda* de lugar, segundo o exija a cambiante situação de Seus filhos aqui na Terra, mas sem modificar com isso o eterno propósito de Seu amor (Gênesis 28:12-27; II Crônicas 5:13 e 14; 7:1-3) manifestado plenamente na pessoa de Seu Filho Jesus Cristo.

3) As *linhas da relação entre Deus e Suas criaturas* se cruzam no Tabernáculo (Êxodo 29:43-46). As verdades espirituais mais sublimes tipificadas nas celebrações anuais

da nação, encontram seu epílogo no Tabernáculo, e é ali que o crente descobre, talvez pela primeira vez, que a adoração é a maneira mais bela de dizer "Sim" aos mandamentos do Senhor (Salmo 27:1-6).

4) As linhas arquitetônicas e estruturais do Tabernáculo, esboçadas no livro de Êxodo, tinham por finalidade despertar no povo que adora, uma estável e significativa *dimensão de santidade* (Êxodo 28:36; 30:32). A mensagem não se presta a confusão. Deus é santo, e sem santidade "ninguém verá o Senhor" (Hebreus 12:14).

5) Pois bem, o próprio Tabernáculo é, por designio divino, uma "figura e sombra" do *santuário celestial* (Hebreus 9:1-12; Apocalipse 11:19). O terrestre não é uma finalidade em si mesmo, mas uma antecipação ou tipo de um santuário celestial erigido pelo próprio Deus (Hebreus 12:1 e 2), eterno e verdadeiro.

6) Por outro lado, o ministério *messiânico do Senhor na Terra e Sua intercessão no Céu* têm uma *antecipação tipológica* no Tabernáculo, pois este último, bem como sua liturgia, constituem uma *prefiguração profética* e típica do plano salvífico de Deus centralizado em Jesus Cristo. A carta aos Hebreus é precisamente um dos testemunhos mais fortes em favor de que a antiga história da salvação é, toda ela, anúncio e profecia do acontecimento neotestamentário de Cristo. Von Rad afirma que Paulo, em suas epístolas, pensa de um modo histórico-salvífico-tipológico.¹²

Símbolos Mais Evidentes

São vários os estudiosos do Livro Sagrado que têm descoberto que no Tabernáculo terrestre há símbolos, que chamaremos de *símbolos evidentes*, facilmente discerníveis, visto que os escritores bíblicos se expressaram com toda a clareza a seu respeito. Também se reconhece outro grupo de símbolos menos evidentes, que não são identificados com tanta facilidade, embora sejam igualmente certos e estejam tão cheios de conteúdo cristocêntrico como os anteriores. Nós os chamaremos de *símbolos ocultos*.¹³

Antes de considerar a validade e o significado desses símbolos ocultos, vejamos alguns exemplos dos primeiros, cuja evidência é confirmada pelo uso que deles é feito no Novo Testamento:

1) Jesus é o "Cordeiro" de Deus (S. João 1:29).¹⁴ 2) O candelabro designa a Igreja e a obra de iluminar o mundo que o Espírito Santo realiza por seu intermédio (Apoca-

lipse 1:4 e 20).¹⁵ 3) No *altar de incenso* se declara a verdade fundamental da intercessão do Filho, o qual exerce aí Suas funções de Sacerdote em favor de Seu povo. O *Espírito Santo*, como representante de Cristo na Terra, se une ao Filho na obra de intercessão, ao rogar por nós "com gemidos inexprimíveis" (Apocalipse 8:3-5; Romanos 8:26 e 34).¹⁶ 4) Na *Arca do Concerto*, Cristo é o "propiciatório" por excelência, e é ali que a Trindade se vê corporizada numa unidade absoluta, na qual se conjugam a justiça e a misericórdia numa oferta cruenta de amor eterno (Romanos 3:25).¹⁷ 5) Cumpre assinalar que na *Mesa da Presença* se encontra o *Pão essencial*. Nesta relação o "pão" é o alimento divino com o qual Deus, em Cristo, alimenta a Seu povo. Este é o único pão que satisfaz, pois Cristo mesmo é o "pão que desceu do Céu", e todo aquele que fizer desse pão seu alimento essencial terá a vida eterna (S. João 6:30-35 e 42-58). As duas pilhas de pães (seis em cada pilha) e as duas coroas que rodeiam a mesa certamente antecipam a presença (a mesa é a "Mesa da Presença") do Pai e do Filho no ato de alimentar a Seu povo.¹⁸

Sentado à Destra do Pai no Tabernáculo Celestial

Afirmamos que as funções régias e sacerdotais que o Senhor passou a desempenhar no Céu depois de Sua ascensão foram prefiguradas no mobiliário e na liturgia do santuário terrestre. A Epístola aos Hebreus, em sua totalidade, dá testemunho desta verdade. Paulo declara enfaticamente que o Senhor "Se assentou à destra do trono da Majestade nos Céus, como ministro do santuário..." (Hebreus 8:1 e 2). Esta declaração foi extraída do Salmo 110, onde a Inspiração indica que o Senhor seria investido da autoridade de Rei, Sacerdote e Juiz. *Sentar-se* é uma expressão técnica que equivale a ser entronizado (II Reis 11:12-19), e Jesus foi coroado duplamente como Rei e como Sacerdote.¹⁹ Por outro lado, "à destra" indica *especial associação* com o Pai. Essa associação do Filho com o Pai ocorre nos principais eventos da história salvífica: na Criação (Gênesis 1:1, 2 e 26; S. João 1:1-3); na redenção do homem (II Coríntios 5:17-19); na proclamação da Lei (Êxodo 19:9 e 16; Neemias 9:12-15).²⁰ O Pai e o Filho também estão juntos na obra do Juízo (Daniel 7:9-14) e no governo do Universo (Apocalipse 21:3; 22:3).

Tornamos a insistir que, neste sentido, a associação do Pai e do Filho: "Se assentou à destra de Deus", não é uma relação estática, imóvel; a referência bíblica insinua o contrário.²¹ "Assentar-se à destra", além de referir-se a determinada posição geográfica, significa o poder de Deus (Êxodo 13:6; Salmo 60:5; 80:17; 98:1; 109:31; 110:1 e 5; 118:15; Isaías 41:10; Atos 2:33). "Exaltado à destra" equivale a assumir a máxima autoridade e honra (Efésios 1:20-23; Filipenses 2:9-11).

Inimigos que Devem Ser Postos por Estrado de Seus Pés

Segundo Hebreus 10:9-13, Cristo permanece "à destra" do Pai, "aguardando... até que os Seus inimigos sejam postos por estrado de Seus pés". Esta afirmação, em certo sentido, é paradoxal, pois, acaso não se consumou na cruz do Calvário a obra da redenção? Certamente que assim; mas, apesar disso, ainda resta uma obra para ser realizada. A seguinte enumeração dará uma idéia da "obra" que o Senhor, em Sua associação com o Pai e com o Espírito Santo, quer ver realizada:

Vencer a morte (I Coríntios 15:20-26); *remir* o corpo humano (Romanos 8:18-23); completar os *sufrimentos de Cristo* em Sua Igreja (Colossenses 1:23-27); *santificar* o nome de Deus por meio de Seu povo escolhido (Ezequiel 36:23-27); completar a obra do *juízo* (I Coríntios 6:1-3); executar o *juízo sobre Satanás* e seus anjos (S. Judas 6) e consumir a promessa de um *novo céu* e uma *nova Terra* (Apocalipse 21:1-8).

Sentados com Ele no Tabernáculo ou Templo do Céu

O pensamento que estamos descrevendo encontra sua culminação no fato de que nosso Senhor, por ocasião de Sua ascensão, "Se assentou à destra do Pai" (Hebreus 8:1 e 2) no Tabernáculo Celestial. Isto significa que, "como Rei e Sacerdote",²² "foi coroado de glória e de honra" (Hebreus 2:9), por obra do Pai e do Espírito Santo (S. João 16:13 e 14; Atos 3:13; S. João 13:31 e 32). E a nós outros, afirma Paulo, "nos fez assentar nos lugares celestiais em Cristo Jesus" (Efésios 2:6), nesse ato de amor eterno com que Ele nos amou.²³

Como estas são verdades essenciais referentes à glorificação de nosso Senhor, cremos que foram antecipadas sob a forma de símbo-

As funções régias e sacerdotais que o Senhor passou a desempenhar no Céu, depois de Sua ascensão, foram prefiguradas no mobiliário e na liturgia do santuário terrestre.

los e tipos, nos escritos veterotestamentários.

Simbologia Oculta dos Móveis Internos do Tabernáculo

Em parágrafos anteriores, afirmamos que no Tabernáculo do deserto há um certo *simbolismo básico*, inconfundível e evidente. Também existe um *simbolismo oculto*,²⁴ que o estudante das Escrituras tem o dever de investigar. Neste processo de esclarecer o que é "oculto" há sempre um perigo à espreita, que nenhum investigador deve ignorar. Alguns autores têm ido a extremos desnecessários ao pretender que cada detalhe, até mesmo os mínimos, tivesse um sentido tipológico.²⁵ Salta à vista que as argolas do Altar do Incenso e da Mesa dos Pães da Presença, por exemplo, cumpriam uma função estrutural, e não era necessário que tivessem uma significação tipológica. Salomão eliminou essas argolas quando construiu os móveis do Templo de Jerusalém (Êxodo 27:7).

Examinaremos a tipologia "oculta" dos móveis interiores do Tabernáculo, e particularmente da Mesa da Presença, atentando para a recomendação que fazem de si mesmos no contexto tipológico da Escritura Sagrada.²⁶ Começaremos fazendo uma rápida descrição dos traços mais salientes desses móveis:

1) A *Arca do Concerto* (Êxodo 25:11 e 17-20). No Lugar Santíssimo, ou *Qodesh Qodashim*, estava a Arca do Concerto, uma espécie de cofre de madeira de acácia, coberta de ouro por dentro e por fora.²⁷ Tinha uma coroa (*zer*) ou cornija de ouro. Era o lugar onde foram depositadas as tábuas da Lei de Deus. A tampa da Arca se chamava "propiciatório", e era de uma só peça de ouro, tendo em cima dois querubins também de ouro, um de cada lado. A altura da Arca era de um côvado e meio (uns 75 centímetros). A tipologia tem visto as três pessoas da Divindade simbolizadas na Arca do Concerto.²⁸ Antecipa a Cristo na obra da expiação, visto que nosso Senhor é o verdadeiro "Hilasterion" onde é efetuada a expiação do mundo (Romanos 3:25). O trono de Deus específica não somente as funções régias mas também as do juízo, já que Deus em Cristo é o juiz de todos nós (Salmo 9:4; S. Mateus 25:32; II Coríntios 5:10).²⁹

2) O *Altar do Incenso* (Êxodo 30:1-10; 37:25 e 26). No Lugar Santo havia três móveis. A Mesa da Presença ficava ao norte, o Candelabro (*menorah*) de sete braços, ao sul, e o Altar do Incenso estava colocado exatamente diante do véu que separava o Lugar Santo do Santíssimo. O Altar do Incenso era feito de madeira de acácia, totalmente coberta de ouro. A parte superior terminava numa coroa (*zer*) ou cornija de ouro e tinha quatro cornos de ouro. A altura era de dois côvados (uns 110 cm). Em cima dele era queimado o incenso na cerimônia diária, chamada "contínuo" (*tamid*). Cumpre notar que ao Altar do Incenso se atribuía a qualidade de *Qodesh Qodashim* (Êxodo 30:27-29).

Segundo Berkhof e outros teólogos, a obra intercessória de nosso Senhor era prefigurada pela queima diária do incenso no Altar de ouro situado no Lugar Santo.³⁰ A nuvem sempre ascendente do incenso não somente era um símbolo das orações dos santos, mas também de nosso Sumo Sacerdote e da mediação do Espírito Santo, o qual roga por nós "com gemidos inexprimíveis" (Romanos 8:26). Asseveramos com Berkhof que a obra intercessória de Cristo no Céu não deve ser desligada de Seu sacrifício expiatório realizado aqui na Terra.³¹ Devemos lamentar com o autor mencionado que mesmo em alguns círculos evangélicos é dada a impressão de que a obra do Salvador cumprida na cruz foi muito mais importante do que Sua intercessão no Céu.³² Importa recordar, no entanto, que no Antigo Testamento a ministração diária no santuário culminava com a queima do incenso, o qual tipifica o ministério de intercessão.³³ Não podemos dissociar a intercessão da expiação, pois constituem dois aspectos da mesma obra de redenção, em que a reconciliação e a intercessão andam de mãos dadas.³⁴

3) O *Candelabro* (Êxodo 25:31-39; 37:17-23). O candelabro (*menorah*) era inteiramente de ouro e ficava no lado sul do Lugar Santo. Não são dadas as dimensões, mas os seus sete braços estavam deco-

rados com cálices a modo de amêndoas, e com globos e lírios. Os sete braços terminavam em sete lâmpadas que deviam permanecer acesas de dia e de noite (Êxodo 27:20; Levítico 24:2 e 3). Um bom exemplo deste candelabro pode ser observado no famoso Arco da Vitória de Tito, em Roma. Uma função importante da lâmpada era a de prover luz para os sacerdotes oficiantes. Do ponto de vista da tipologia,³⁵ ela antecipa o Senhor Jesus como a "Luz do mundo" (S. João 1:6-9; 8:12), e aos crentes, os quais, como "reis e sacerdotes (I S. Pedro 2:5 e 9; Apocalipse 1:6), à semelhança de seu Senhor, são a "luz do mundo" aqui na Terra (S. Mateus 5:14). No Apocalipse, a Igreja é simbolizada pelos candelabros (Capítulo 1:13 e 20). O azeite que nutre a mecha tem sido considerado como símbolo do Espírito Santo.³⁶

4) *Mesa dos Pães* (Êxodo 25:23-30; 37:10-16). A Mesa dos Pães da Presença estava situada no lado norte do santuário.³⁷ Assim como a Arca do Concerto, tinha um côvado e meio de altura (uns 75 cm). Estava totalmente coberta de ouro. A parte superior da Mesa era rodeada por duas coroas (*zer*) ou cornijas (Êxodo 25:23-25; 37:10-12). A extraordinária importância tipológica da Mesa não pode ser eliminada porque, em primeiro lugar, sua descrição aparece imediatamente depois da descrição da Arca do Concerto,³⁸ e, além disso, pelo fato dramático de que é o único móvel do Santuário com duas coroas.³⁹

Que a Mesa constitui um tipo⁴⁰ da presença pessoal de Deus é atestado pelo nome *léhem panim* que lhe é atribuído em I Samuel 21:6, I Reis 7:48 e no livro de Êxodo. Philip Hyatt afirma com acerto⁴¹ que nessa frase *panim*, literalmente "rosto", significa a Pessoa ou o Ser da Divindade. Se é assim, essa expressão devia ser traduzida por *pão de Deus*. Em Lamentações 4:16, *panim* foi traduzido por "rosto de Jeová" na Bíblia de Jerusalém e por "Javé mesmo" em Nácar Colunga. Essa mesma expressão idiomática aparece em II Samuel 17:11 e Provérbios 7:15, e é traduzida por "pessoa" em Nácar Colunga e algumas outras versões. Ao contrário do que afirma Holbrook,^{41a} devemos salientar que, embora seja certo que Deus habita na totalidade do Santuário, também é certo que há três lugares onde Sua presença pessoal é singularizada: na Arca do Concerto, no Altar do Incenso e na Mesa da Presença. Além disso, o trono de Deus não está restringido com exclusividade ao Lugar Santís-

simo e à Arca do Concerto. A prova do que dissemos está no fato de que o Altar do Incenso e a Mesa da Presença também encerram a caracterização de *qodesh qodeshim* (Êxodo 30:27-29).^{41b}

Esses móveis do Tabernáculo são os únicos no tocante aos quais Deus ordenou que fossem rodeados por coroas ou "bordaduras" (Êxodo 25:11, 24 e 25; 37:25 e 26). Que a coroa constitui um símbolo de *entronização e glorificação* é amplamente confirmado pelas Escrituras (II Reis 11:12; II Samuel 1:10; 12:30; II Crônicas 23:11; Ester 1:11; 2:17; I S. Pedro 5:4; Apocalipse 4:4 e 10).⁴² Nossa insistência no valor tipológico da coroa fica justificado: A arca do Testemunho tem uma coroa (Êxodo 25:11), o Altar de Ouro também possui uma coroa (Êxodo 37:26), e, para nossa surpresa, a Mesa da Presença tem duas coroas (Êxodo 25:23-25; 37:11 e 12) e este fato reclama nossa consideração.⁴³ À guisa de comparação, vejamos este quadro:

bos de Israel." S. Lucas 22:29 e 30.

Segundo dissemos, Jesus Se "assentou" à "destra" do Pai, e nós, os crentes, segundo a Sua promessa, nos "assentaremos" com o Senhor, em Seu trono, no Seu reino (Apocalipse 3:21; 20:4).⁴⁴ Também temos assinalado, dando as evidências do caso, que no Tabernáculo do deserto Deus nos deu uma antecipação dos fatos culminantes da obra salvífica, por meio de símbolos e tipos que se tornam bem claros quando os examinamos sob a perspectiva do Novo Testamento. Assim, o Candelabro com seus sete braços antecipa a Igreja cristã enquanto participa da graça de Deus, que torna os crentes reis e "sacerdotes para o seu Deus e Pai" (Apocalipse 1:6; I S. Pedro 2:9). Foi Deus quem criou a Igreja, e Ele realiza no mundo, por meio dela, a atividade redentora de Seu poder e graça. Neste sentido, todos os remidos estão envolvidos no louvor registrado em Apocalipse 5:9 e 10, onde os vinte e qua-

Arca do Concerto	Altar do Incenso	Mesa da Presença
Altura um côvado e meio (75 cm)	dois côvados (110 cm)	um côvado e meio (75 cm)
Material Madeira e ouro	madeira e ouro	madeira e ouro
Adorno uma coroa	uma coroa	duas coroas
Elementos Cerimoniais sangue, incenso	sangue, incenso	pão em duas pilhas e incenso
Frequência anual	diária	semanal

Que o "Pão" e a "Mesa" têm um sentido messiânico é atestado pelo uso que o Senhor Jesus faz desses elementos ao narrar o episódio do sumo sacerdote Abiatar, o qual deu de comer a Davi do Pão da Presença (S. Mateus 12:3 e 4; S. Marcos 2:25-28). Sua dimensão escatológica, por outro lado, é atestada pelas claras afirmações de Jesus. Parece ser evidente que os judeus do tempo de Jesus antecipavam com "pão" no reino dos Céus (S. Lucas 14:15) e o Senhor mesmo estabeleceu estreita relação entre a "Mesa" e o "Trono", ao dizer a Seus discípulos: "Assim como Meu Pai Me confiou um reino, Eu vo-lo confio, para que comais e bebais à Minha mesa no Meu reino; e vos assenteis em tronos para julgar as doze tri-

tro anciãos glorificam o Senhor dizendo: "Foste morto e com o Teu sangue compraste para Deus os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação, e para o nosso Deus os constituíste reino e sacerdotes; e reinarão sobre a Terra."⁴⁵

No Novo Testamento há abundantes evidências adicionais, e por isso a idéia tem de ser aceita como válida (Apocalipse 3:21; S. Mateus 19:28; S. Lucas 22:29 e 30; S. Mateus 26:28; Apocalipse 20:4; 1:12-20; I Coríntios 6:2 e 3; Efésios 2:5 e 6).

O Altar de Ouro, por sua vez, prefigura a nosso Senhor em Seu ofício de Sumo Sacerdote, o qual, havendo sido "coroado de glória e de honra", agora intercede por nós. Devemos insistir de novo que a

intercessão de Cristo prefigurada no Altar de Ouro não é uma afirmação arbitrária ou antojadica, pois as Escrituras apresentam numerosas evidências em favor da posição que estamos descrevendo (Apocalipse 8:3-5; Hebreus 7:24 e 25; Romanos 8:26, 27 e 34; I S. João 2:1)⁴⁶ e, por último, ali está a Mesa da Presença com as duas coroas e as duas pilhas de pão. Não era necessário que fossem duas; poderiam ter sido uma, três ou cinco, mas Deus, que não deixou isto a critério de Bezaleel, ordenou que fossem duas coroas e duas pilhas. O tipo parecia designar o Pai e o Filho "sentados" um ao lado do outro para alimentar com o "pão do Céu" e dirigir com a luz da verdade a Seus filhos aqui na Terra, até que se cumprisse o tempo e mudassem então o Seu trono do Lugar Santo para o Lugar Santíssimo, a fim de realizar a obra final do Juízo antecipada em Sua Palavra.⁴⁷

Que o simbolismo antecipado na Mesa da Presença e no Pão colocado sobre ela tenha sido parcialmente entendido pela maioria dos exegetas e tipólogos não tira a força e a autenticidade da verdade que estamos descrevendo. A limitação e, com frequência, a lentidão humana para descobrir os "mistérios de Deus" é um fenômeno recorrente na história salvífica. Verdades bíblicas que agora são claríssimas para nós, como o batismo por imersão, o sacerdócio universal dos crentes, a justificação pela fé, o sábado, etc., permaneceram na penumbra da História até que, "chegando o tempo", começaram a impressionar as mentes dos crentes (S. Lucas 24:13-32; Atos 1:4-9). Em conclusão, diremos que, do ponto de vista da tipologia bíblica, assim como nós a visualizamos, o Lugar Santo do Tabernáculo, com seus móveis correspondentes, parece haver sido o cenário típico para a coroação do Filho como Rei e Sacerdote, pois é ali que Ele Se "assenta" e também é no Lugar Santo que se antecipa aos crentes, os quais, como irmãos menores de Cristo (Hebreus 2:17; 3:1-6; Romanos 8:29; Gálatas 3:27-29; 4:4-7), sentar-se-ão a Seu lado para estar e reinar com Ele e comer de Sua Mesa por toda a eternidade.

Afigura-se que por ocasião de Sua ascensão ao Céu, a ministração sacerdotal de Cristo em favor dos pecadores tem por cenário legítimo o Lugar Santo (Hebreus 4:14-16; 5:8-11). A tipologia do Tabernáculo, entendida da perspectiva do Novo Testamento, parece não deixar outra alternativa. ■■

Referências:

- Habershon, Ada R. *The Study of the Types* (Kregel Publ., Grand Rapids, Michigan, 1974), pág. 9; Hyde Gordon. *A Symposium on Biblical Hermeneutics* (Review and Herald, Washington, D. C., 1974), págs. 187, 209 e 232.
- Rad, G. von. *Teologia del Antigo Testamento* (Ed. Sigueme, Salamanca, 1980), pág. 473.
- Idem*, págs. 473 e 474.
- Childs, Brevard S. *The Book of Exodus* (The Westminster Press, Filadélfia, 1974), pág. 547. Os exageros no uso da tipologia são exemplificados por Childs com Herman Witsius, o qual, para defender sua posição tipológica, chamava a atenção para o fato de que Deus só usou seis dias para criar o mundo e quarenta dias para instruir Moisés a respeito da construção do tabernáculo. Insiste em que Deus só usou um pouco mais de um capítulo para narrar o ato da fundação do mundo, e seis para descrever a arquitetura do tabernáculo. Ver também Shea, William H.: *Daniel and the Judgement* (General Conference of SDA, Washington, D. C.), págs. 416-417.
- Idem*, pág. 550.
- Meagher, Paul K.: *Encyclopedic Dictionary of Religion* (Corpus Publ., Washington, D. C., 1979), pág. 3.588; Childs, Brevard: *The Book of Exodus*, pág. 540.
- Davis, John: *Moses and the Gods of Egypt* (Baker Book House, Grand Rapids, Michigan, 1971), pág. 244.
- Pick, Aaron: *Dictionary of Old Testament Words* (Kregel Publ., Grand Rapids, 1977), pág. 470.
- Idem*, pág. 490.
- Buchanan, George W.: *The Anchor Bible, To The Hebrews* (Doubleday, Nova Iorque, 1978), pág. 132. O autor dessa obra usa de ampla documentação para mostrar que entre os judeus era comum a idéia de um trono de Deus no Céu. Ademais, aceitava-se como certa a idéia da morada simultânea de Deus no Céu e no templo. Havia íntima conexão entre a Jerusalém terrestre e a Jerusalém celestial, e o testemunho das Escrituras é tão enfático que não dá lugar a dúvidas.
- Howley, H. H.: *Peak's Commentary on the Bible* (Nelson, 1962), pág. 234.
- Rad, Gerhard von: *Teologia del Antigo Testamento*, pág. 425.
- Por exemplo: Davis, John: *Moses and the Gods of Egypt*, págs. 244-260; Rad, Gerhard von: *Teologia del Antigo Testamento*, págs. 487-499; Clarke, Adam: *A Commentary, The Old Testament*, vol. 1, págs. 425-450; Buchanan, George W.: *To The Hebrews*, págs. 132-160; Ridout, S.: *Lectures on the Tabernacle*, págs. 7-39; Soltau, Henry: *The Tabernacle*; Habershon, Ada R.: *The Study of the Types*, págs. 9-70; Jukes, Andrew: *The Law of the Offerings*, págs. 9-40.
- No Apocalipse, por exemplo, o Senhor Jesus é simbolizado umas 28 vezes na figura do "Cordeiro". Apoc. 5:6.
- Colunga, Alberto: *Biblia Comentada* (Biblioteca de Autores Cristãos, Madri, 1967), pág. 557; Davis, John: *Moses and the Gods of Egypt*, pág. 257. Para maiores detalhes, ver: Japas, Salim: *Cristo em el Santuario*, págs. 24-27.
- Edersheim, Alfred: *The Temple* (Eerdmans, Grand Rapids, 1972), pág. 183; White, Ellen G.: *Patriarcas e Profetas* (Casa Publicadora Brasileira, 1960), pág. 365: "O incenso que subia com as orações de Israel, representa os méritos e intercessão de Cristo, Sua perfeita justiça, que pela fé é atribuída ao Seu povo." Ver também: Japas, Salim: *Cristo em el Santuario*, págs. 28-31.
- Habershon, Ada R.: *The Study of the Types*, pág. 64: "As três pessoas da Trindade, em tipo, estão todas ligadas em conexão com a Arca; pois, embora ela prefigure a obra e a pessoa do Senhor Jesus, a nuvem que paira acima dela parece representar o Espírito Santo; e Deus falava com o povo acima do propiciatório."
- Rowley, H. H.: *Peak's Commentary*, pág. 234; Ridout, Samuel: *Lectures on the Tabernacle*, págs. 290-307.
- Para maiores pormenores, ver: Childs, Brevard S.: *The Book of Exodus*, págs. 543-547.

Que a expressão "se assentou" equivale a antonização ou assumir autoridade, é amplamente atestado nas Escrituras (I Reis 1:32-46; I Crônicas 29:23).

20. White, Ellen G.: *Evangelismo*, pág. 447.

21. Hasel, Gerhard: "Christ Atoning Ministry in Heaven", em *The Ministry* (General Conference of SDA, Washington, D. C., 1975), pág. 15c. Segundo Buchanan, *To The Hebrews*, pág. 159: "O próprio trono pode ter sido um carro puxado por animais celestes", o que indica mobilidade.

22. White, Ellen G.: *Hechos de los Apóstoles* (PPPA, Califórnia, 1955), págs. 31 e 32. Para um estudo mais completo sobre "à destra", ver Bruce, F. F.: *Hebrews* (Eerdmans, Grand Rapids, Michigan, 1977), pág. 7; Westcott, E. F.: *Hebrews* (Eerdmans, Grand Rapids, Michigan, 1977), pág. 15.

23. Para um estudo recente do Santuário Celestial, ver Walenkamp, Arnold: *The Sanctuary and the Atonement* (General Conference of SDA, Washington, D. C., 1980), págs. 1-85 e 157-175.

24. Ver Davis, John: *Moses and the Gods of Egypt*, pág. 247, e Childs, Brevard S.: *The Book of Exodus*, pág. 547.

25. Keel, Otmar: *The Symbolism of the Biblical Word* (The Seabury Press, Nova Iorque, 1978). Nesta obra pode-se observar a variedade quase infinita de possibilidades simbólicas e tipológicas às quais os crentes têm recorrido. O simbolismo e a tipologia não são exclusivos do povo de Israel. Todos os povos do Oriente Próximo participaram dessas correntes do saber e, portanto, seu estudo comparativo pode resultar numa aprofundação da tipologia bíblica. No entanto, as definições mais categóricas devem situar-se dentro do cânon da Escritura Sagrada, para que sua originalidade não fique desvirtuada pela influência do que é estranho ao nome profético-teológico-tipológico da revelação.

26. Hasel, Gerhard: *Old Testament Theology* (Eerdmans, Grand Rapids, Michigan, 1977), págs. 112-118. Hasel insiste no valor da investigação tipológica apoiando-se em autores de grande peso, como von Rad e Eichrodt, os quais, em estudos teológicos recentes, se volveram para a tipologia como uma "maneira peculiar de encerrar a História" (pág. 112). Embora alguns eruditos tenham rejeitado totalmente o método tipológico na esfera bíblica permanece em pé o fato de que a analogia tipológica se nutre naquilo que é atestado no Novo Testamento (pág. 113).

27. A Arca foi o lugar privilegiado em que Deus resolveu exercer a direção do Seu povo (Êxodo 25:21 e 22); e, em sentido restrito, também foi a sede do trono divino (I Samuel 4:3-7) ou seu estrado (I Crônicas 28:2). Era um testemunho inequívoco de Sua contínua morada com o povo de Deus.

28. Habershon, Ada R.: *The Study of the Types*, págs. 64, 148 e 150.

29. Segundo Chester K. Lehman: *Biblical Theology* (Herald Press, Kitchener, Ontário, 1977), vol. 1, págs. 138-140, três verdades são explicitadas por meio do Santuário: 1) Estimular o desenvolvimento da comunhão no espírito do concerto. 2) Ensinar a significação transcendental da santidade divina. 3) Mostrar o significativo conteúdo da adoração.

30. Berkhof, L.: *Teologia Sistemática* (T. E. L. L., Grand Rapids, Michigan, 1974), pág. 475.

31. Para o leitor superficial, o Novo Testamento dá a impressão de não se referir com insistência à obra de intercessão de Cristo no Santuário Celestial, pois exceto em Hebreus e Apocalipse, as referências são poucas. As citações que apresentamos a seguir (Atos 7:44 e 55-60; Apocalipse 13:6; 15:1 e 5; 14:17; 21:3) nos autorizam a asseverar, porém, que o assunto era conhecido. O fato de não ser mencionado com mais frequência pode atribuir-se à dificuldade dos novos crentes que não estavam habituados às figuras e símbolos mais ocultos do Antigo Testamento (Hebreus 5:11-14; II S. Pedro 3:15 e 16).

32. Berkhof, L.: *Teologia Sistemática*, pág. 477.

33. *Ibidem*.

34. A intercessão, o sacrifício, a reconcilia-

ção, a purificação do pecado e o perdão são assuntos básicos para os dois Testamentos. Para aceitar o testemunho da Epístola aos Hebreus com seriedade, temos que rechaçar as posições teológicas que supõem que o Novo Testamento só explica o pecado em categorias existenciais, o reino de Deus como um programa político e a função de Cristo só como o revelador do amor incondicional de Deus (Hebreus 10:19-31). Para considerações mais completas, ver o artigo "Reflexões Teológicas Sobre o Tabernáculo", escrito por Brevard S. Childs, em sua obra *The Book of Exodus*.

35. Para considerações tipológicas mais amplas, ver o capítulo "O Castiçal", na obra de Samuel Ridout intitulada *Lectures on the Tabernacle*. Também Soltau, Henry W.: *The Holy Vessels and Furniture of the Tabernacle* (Kregel Publ., Grande Rapids, Michigan, 1975), págs. 73-88.

36. Davis, John: *Moses and the Gods of Egypt*, pág. 257.

37. A "Mesa da Presença" foi colocada para "os lados do Norte". A recorrência do "lado norte" no Antigo e no Novo Testamento chama a atenção e reclama considerações mais amplas que agora não podemos fazer, devido aos limites que nos impusemos para este trabalho. [Isaías 14:12-14; Salmo 48:2.]

38. Spence, H. D. M.: *The Pulpit Commentary, Exodus* (Wilcox & Follett Co., Chicago, 1950), pág. 256; Meyer, F. B.: *Devotional Commentary on Exodus* (Kregel Publ., Grand Rapids, Michigan, 1976), pág. 311.

39. Soltau, Henry W.: *The Holy Vessels*, pág. 59.

40. Geralmente é aceito que os móveis do Santuário encerravam um sentido tipológico. O "tipo" é uma espécie de linguagem figurada, e a figura foi preparada por Deus para representar uma verdade espiritual. Cumpre assinalar que a tipologia bíblica deve mover-se dentro de limites seguros, e esses limites devem encontrar-se na própria Escritura. O tipo não somente simboliza, mas também prefigura. Ver Fountain, Thomas E.: *Claves de Interpretación Bíblica* (La Fuente, México, 1961), págs. 85-89; e Grant, Robert M.: *The Interpretation of the Bible* (MacMillan Co., Nova Iorque, 1966), págs. 28-56.

41. Hyatt, Philip J.: *Exodus* (The Attic Press, Greenwood, 1971), págs. 268-270.

41a. Hollbrook, Frank B.: "O Santuário Israelita", em *The Sanctuary and the Atonement* (Review and Herald, Washington, D. C., 1981).

41b. Creemos que os exegetas têm concedido ao Lugar Santíssimo do Santuário um grau de santidade superlativo que a própria Escritura não lhe confere. A habitação de Deus não está exclusivamente restringida ao "Lugar Santíssimo". Há evidências bíblicas suficientes para mostrar o contrário. Vejamos, por exemplo, o uso da frase *Qodesh Qodashim* em relação com o Santuário:

1) O Santuário em sua totalidade é chamado *Qodesh Qodashim* — Ezequiel 45:3.

2) O monte em que foi construído o templo

recebe a mesma qualificação — Ezequiel 43:12.

3) A Mesa, o Candelabro e o Altar do Incenso são considerados *Qodesh Qodashim* — Êxodo 30:27-29.

4) O Altar dos Sacrifícios também — Êxodo 29:37; 40:10.

42. A "coroa" simboliza a autoridade real de quem a possui e era colocada sobre a cabeça no ato de entronização ou de "assentar-se" (II Samuel 1:10). No caso especial do sumo sacerdote Josué, o texto indica que foram postas "coroas" sobre sua cabeça para denotar sua autoridade real e seu régio sacerdócio (Zacarias 6:11-13). Ver Buttrick, George: *The Interpreter's Dictionary of the Bible* (Abingdon Press, Nova Iorque), págs. 745 e 746. Assim, o símbolo real por excelência era a "coroa". Ver White, Ellen G.: *O Grande Conflito*.

43. Ver Ridout, Samuel: *Lectures on the Tabernacle*, págs. 292-318.

44. Ladd, George E.: *El Evangelio del Reino* (Caribe, Barcelona, Espanha, 1974), págs. 20-23. Ladd, nesta obra, faz um estudo muito valioso sobre o Reino de Deus. Os que quiserem aprofundar-se neste assunto devem lê-lo.

45. *Idem*, pág. 121.

46. Ver White, Ellen G.: *Patriarques e Profetas* (Casa Publicadora Brasileira, Santo André, 1960), págs. 369-388; Buchanan, G.: *Hebrews*, págs. 157 e 159.

47. Cullman, Oscar: *Christ and Time* (The Westminster Press, Filadélfia, 1964), págs. 233-237; Daniel 7:8-14.

A CONTAMINAÇÃO

Dr. Alberto Treiyer

I. A Contaminação do Santuário e os Ritos de Purificação

A purificação do santuário prescrita para o Dia da Expição pressupõe uma contaminação: as impurezas (*tm'*), as transgressões (*ps'*) e os pecados (*bt't*) do povo de Israel (Lev. 16:16, 19 e 33; cp. 21:22 — *'mn*). O problema consiste, porém, em saber como esses pecados contaminavam o santuário, a própria natureza dos pecados e o papel do ritual de sacrifícios designados para sua purificação.

Os autores nem sempre têm estado de acordo nestes aspectos. Assim, alguns acham que os israelitas contaminavam o santuário com seus pecados quando eles iam ao templo.¹ Outros acreditam que a contaminação do santuário era insinuada nos textos que falam da contaminação da terra ou do acampamento dos israelitas, pois o santuário se encontrava "no meio deles".² Por conseguinte, o santuário podia ser contaminado sem a presença física do povo no santuário. Fala-se de uma contaminação "aé-

rea", "dinâmica", que contamina o santuário "de uma maneira magnética"³ ou mesmo demoníaca.⁴ Há também os que pensam que os sacrifícios⁵ ou a condição ritual dos israelitas⁶ tinham uma parte a desempenhar.

No tocante à categoria dos pecados que deviam ser eliminados do santuário no Dia da Expição, alguns acham que se tratava de pecados deliberados,⁷ de pecados de ignorância,⁸ ou dos dois.⁹ Há também os que crêem que em *Kippur* — em contraste com a purificação individual através do ano — eram os pecados da nação ou da congregação inteira que deviam ser expiados.¹⁰ Quanto aos pecados anuais, cumpre destacar que, segundo certo número de autores, os pecados expiados no Dia da Expição não tinham sido purificados durante o ano,¹¹ embora fossem acumulados no santuário.¹² Segundo outros, o santuário era purificado dos pecados perdoados durante o ano.¹³ A função do ritual no Dia da Expição é, pois, interpretada diferentemente, conforme a posição assumi-

da nos pontos que acabamos de mencionar, e também de acordo com a compreensão que se tem da significação do sacrifício.

Talvez nos admiremos do pouco lugar que o assunto da contaminação do santuário ocupa entre os eruditos. Por vezes, nem sequer se referem a ele. Por outro lado, se levarmos em conta a diversidade de posições assumidas sobre este ponto por aqueles que pelo menos mencionam o fato de vez em quando, a razão dessa falta de interesse parece ser evidente: eles preferem ser prudentes e não alongar-se sobre o que não é claro; ou, então, recorrem ao método da crítica histórico-literária para descarregar o que acham confuso e mal compreendido pelos autores bíblicos.¹⁴

Conquanto creiamos que este assunto, em seus aspectos essenciais, seja bem claro na Bíblia, devemos admitir que uma resposta a cada posição assumida não pode ser tratada ligeiramente. Com efeito, para não cair em parcialidade, será necessário levar em conta os múltiplos aspectos que intervêm na

contaminação e na purificação do santuário.

Descobrimos assim que a vida nacional e individual, e a vida religiosa, se encontram estreitamente entrelaçadas na Bíblia. Por esta razão, o estado do povo em relação ao templo, e o estado do templo em relação ao povo, repercutiam em cada aspecto das atividades dos homens. Essa relação entre o povo e o templo, e vice-versa, fazia com que as atividades do culto israelita só pudessem ser compreendidas sob um verdadeiro sistema paradoxal, algo normal e corrente na mente oriental. Ao passo que do povo provinha uma corrente de pecado e de contaminação, em direção ao santuário, deste último provinha uma corrente de purificação e de santificação, em direção ao povo.¹⁵ Além disso, um povo impuro devia procurar manter a pureza do templo e, ao mesmo tempo, só do templo ele obteria sua completa purificação.

Como podia ocorrer tudo isso? Quais era os elementos rituais que alimentavam esse paradoxo, salvaguardando assim a manutenção do culto e a existência nacional? Tendo sempre em conta esta realidade, passaremos agora à procura de elementos bíblicos que nos permitam compreender melhor o fundamento ideológico sobre o qual Levítico 16 e o Dia da Expição em geral estavam situados.

II. A Contaminação do Santuário

Não podemos deter-nos aqui para considerar as diversas expressões e palavras utilizadas no Antigo Testamento para descrever a impureza.¹⁶ Diremos simplesmente que a linguagem usada na Bíblia para expressar tanto a noção de contaminação como a de purificação é verdadeiramente rica e significativa.¹⁷ Portanto, quando for necessário, salientaremos o valor do termo empregado na língua original.

Uma rápida olhada aos textos do Antigo Testamento que falam da contaminação do santuário nos permite fazer uma classificação importante, em relação a três conseqüências possíveis: a supressão do culto e a eventual destruição do templo, a pena de morte dos responsáveis e a purificação do povo e do santuário. Estes três resultados na contaminação do templo israelita tinham causas que revelavam uma situação diferente do povo em relação ao santuário. Por conseguinte, o grau de contaminação do santuário e a natureza dos pecados cometidos não podiam ser conside-

Para não cair em parcialidade, será necessário levar em conta os múltiplos aspectos que intervêm na contaminação e na purificação do santuário.

rados no mesmo nível em cada uma dessas circunstâncias.

1. A Profanação do Templo e a Supressão do Culto

A vida do templo dependia do desejo e da necessidade do povo de acercar-se dele, quer para pedir o perdão divino, quer para agradecer a Deus pelas bênçãos concedidas, enfim, para adorá-Lo, etc. A apostasia podia, pois, desembocar entre outras coisas no descrédito total do templo de Jeová e, portanto, na supressão dos serviços religiosos (II Crôn. 29:6 e 7; cf. v. 3). Ademais, o abandono do culto de Jeová e a conseqüente perda da percepção da santidade divina podiam até levar ao extremo de introduzir objetos de culto pagãos no templo, tornando assim a casa divina abominável aos olhos de Deus (Jer. 7:30; 32:34).

Nessas ocasiões, a presença divina encontrada no Seu santuário e que serviria de garantia, bênção e proteção para o povo, como que ficava adormecida ou escondida de Israel.¹⁸ (Sal. 44:23 e 24). Deus parecia não reagir, assim, de Seu santuário, às abominações de Seu povo, por um lado (Sal. 10:1, 4-7 e 11-13), e não intervir para salvá-los dos males resultantes, por outro lado (Deut. 31:17 e 18; Isa. 54:7 e 8; 64:7; Jer. 33:5; Ezeq. 39:23 e 24). Se Israel se arrependia em tais circunstâncias de apostasia geral, a casa de Deus devia ser reparada (II Crôn. 29:3, 5 e 14-19) e o culto de Deus restabelecido por meio de ritos praticados somente no altar exterior — o dos holocaustos.¹⁹ Se isto não ocorria, Deus acabava entregando Seu povo e o santuário em mãos inimigas (II Crôn. 36:14-19; Ezeq. 7:21, 22 e 24; 25:3; Sal. 74:7.)

A descrição desse estado insupportável no qual Israel caiu em determinado momento é bem explícita nos livros proféticos e históricos (Esd. 9:3-5 e 11-15; Jer. 18:9-17; Lev. 18:24-30, etc.). Portanto, o que contamina Jerusalém e profana as coisas santas (*hilleleu-qodes*, Sof. 3:1-4) é um estado de rebelião em que Deus não pode fazer mais nada. Deus abandona a geração que não escuta Sua voz, que não admite “correção” (Jer. 7:28-30), e que

contamina Sua casa, pondo ali as suas abominações (*nisikkusyhm*). (Ver Jer. 7:30; 32:34). A multiplicação das transgressões (*lmi'ayl-ma 'al*) e das abominações (*to 'abot*) contaminou (*wayetamme'o*), pois, a casa de Jeová (II Crôn. 36:14), “até que subiu a ira do Senhor contra o Seu povo, e não houve remédio algum” (*'ad-le'en mareppe*). V. 16.

Sempre sob este aspecto, tenhamos em mente estes fatos:

a) A contaminação do santuário, nesses casos, está relacionada com irremediáveis situações de apostasia que exigiam o castigo divino (II Crôn. 36:14 e 16; Jer. 7:30; cf. vs. 32-34; Jer. 32:34, cf. vs. 28 e 29; Ezeq. 5:11; 23:38 e 39, cf. vs. 46-48; implicitamente, também em II Crôn. 29:5, cf. vs. 8 e 9).

b) Esse castigo divino podia atingir não só os rebeldes, mas — em caso extremo — o próprio templo. Assim, o santuário, contaminado primeiramente pelos israelitas, era duplamente profanado por seus inimigos, numa invasão (Sal. 74:7; 79:1; Ezeq. 7:21, 22 e 24; 24:21; 25:3; Lam. 2:2; Dan. 11:31).

c) O culto interrompido por uma apostasia ou pela destruição do templo caído em mãos de estrangeiros podia, no entanto, ser restabelecido depois de arrependimento e de reparações (reconstrução) do templo (II Crôn. 29; Esd. 6).²⁰

d) O restabelecimento dos serviços do culto que deste modo haviam sido interrompidos jamais ocorria no interior do tabernáculo. Constatamos somente ritos de sangue que eram praticados, nessas ocasiões, no altar do pátio (II Crôn. 29:22 e 24), como nos casos registrados no Pentateuco, de consagração ou inauguração do santuário (Êxo. 29:12, 36 e 37; Lev. 8:15; 9:9 e 15; cf. Ezeq. 43:18, 20, 22 e 26; II Crôn. 29:21, 22 e 24, etc.).

Este último aspecto da vida de Israel é significativo, pois nos leva a distinguir entre dois tipos de cerimônias relacionadas com o santuário: um que projeta a santificação e a consagração dos homens e do templo no quadro da inauguração ou restauração do culto; o outro, que constituía a conclusão de um ritual e de um culto que não tinha sido, necessariamente, interrompido durante o ano litúrgico.²¹

Temos de levar em conta, porém, que essa relação entre a profanação do templo e a supressão do culto que acabamos de considerar corresponde a um estado de rebelião e apostasia geral em Israel. É necessário considerar também como o Antigo Testamento projeta a contaminação individual ou minoritária do santuário e as conseqüências

que tinha sobre o culto e o remanescente fiel do povo de Deus. ■■

Referências

1. A. A. Bonar, *A Commentary on the Book of Leviticus* (Londres, 1875), pág. 308; C. F. Keil, *Leviticus* (Leipzig, 1878), pág. 117; A. Cohen, *The Five Books of Moses with Haphtaroth* (Londres, 1977), pág. 708; J. H. Hertz, *The Pentateuch and Haftorahs* (Londres, 1978), pág. 482; A. B. Levine, *In the Presence of the Lord* (Leiden, 1974), pág. 74; G. J. Wenham, *The Book of Leviticus* [Eerdmans Publishing Company, 1979], pág. 228.
2. L. Moraldi, *Espiazione sacrificale e riti espiatori nell'ambiente biblico e nell'Antico Testamento*, AB, 5 (Roma, 1976), pág. 235; J. Milgrom, "Two Kinds of HATTA'T", em VT 26 (1976), págs. 334 e 335.
3. J. Milgrom, "Israel's Sanctuary: The Priestly Picture of Dorian Gray", em RB 48 (1976), pág. 393; cf. H. Ch. Brichio, "On Slaughter and Sacrifice, Blood and Atonement", em HUCA 47 (1976), pág. 29.
4. A. B. Levine, op. cit., págs. 77-91.
5. G. F. Hasel, "Studies in Biblical Atonement I: Continual Sacrifice, Defilement, Cleansing and Sanctuary", em *The Sanctuary and the Atonement* (Washington, 1981), pág. 93.
6. K. Hruby, "Le Yom Ha-Kippurim ou Jour de l'Expiation", em OS 10 (1965), pág. 57. Este autor chega a essa conclusão mais de Zac. 5 que de Lev. 16, e confunde seguidamente [J. Morgenstern, "Two Prophecies from 530-516 B. C.", em HUCA 22, 1949] a purificação do templo no Dia da Expição com sua purificação por ocasião de sua dedicação; M. Noth, *Das Dritee Buch Moses, Leviticus* (Göttingen, 1978 — primeira edição, 1962), pág. 106; K. Elliger, *Leviticus* (Tübingen, 1966), pág. 215; N. H. Snaith, *Leviticus and Numbers* (Londres, 1967), pág. 114; K. Aartun, "Studien zum Gesetz über den grossen Versöhnungstag Lev. 16 mit Varianten Ein ritualgeschichtlicher Beitrag", *SiTh* 34 (1980), pág. 103; "der allgemeinen kultischen Unreinheit...".
7. L. Ligier, *Pêché d'Adam et Pêché du Monde* (Aubier, 1960), pág. 95. Algumas declarações talmúdicas vão nessa mesma direção; Yomo 86b. Ver também J. Milgrom, *Cult and Conscience* (Leiden, 1976), págs. 118, 127 e 128; "Sacrifices and Offerings, OT", em *IDBS*

(1976), pág. 767; "Atonement, Day of", em *IDBS* (1976), pág. 83; "Atonement in the OT", em *IDBS* (1976), págs. 78 e 79.

8. S. G. Cayford, "Leviticus", em *A New Commentary on Holy Scripture* (Society for Promoting Christian Knowledge, 1937), págs. 114 e 115; O. T. Allis, *Leviticus* (Londres, 1972), pág. 154; D. Hoffmann, *Das Buch Leviticus* (Berlim, 1905), pág. 448; P. H. Schaff, "Day of Atonement", em *A Religious Encyclopedia* (Nova Iorque, 1891), pág. 167.

9. Mischna, *Sebut* 1:6; ver citações de Cohen, Herts e Ligier já mencionadas.

10. A. R. Fausset, "Day of Atonement", em *Bible Dictionary* (Michigan, 1975), pág. 62; cf. Hoffmann, op. cit., pág. 448; Noth, op. cit., pág. 106.

11. T. K. Cheyne, "Day of Atonement", em *Encyclopaedia Biblica*, I, (Londres, 1899), col. 365; S. H. Kellog, *The Book of Leviticus* (Nova Iorque, s/d), pág. 237; J. Milgrom, "Sacrifices...", em *IDBS* (1976), pág. 766.

12. R. Song 1:5, citado por J. Milgrom, "Day of Atonement", em *EJ*, V (1971), col. 1.382; *Cult and Conscience*,..., pág. 128.

13. G. F. Oehler, *Theologia des Alten Testaments* (Stuttgart, 1891), pág. 498; W. Müller, "Day of Atonement", em *The International Standard Bible Encyclopaedia*, I (Eerdmans Publishing, 1980); G. F. Hasel, "Studies in Biblical Atonement II: The Day of Atonement", em *The Sanctuary and the Atonement* (1981), pág. 119.

14. Este é o caso da maior parte dos trabalhos que têm sido feitos desde a segunda metade do século passado, sobre o assunto do Dia da Expição. Falando sobre o problema de determinar a natureza — voluntária ou involuntária — de alguns pecados possíveis de ser expiados — de *hatta't* e *osam* — um autor conclui: "Essas confusões e essas incertezas podem ser parcialmente resolvidas por uma crítica literária que lhes atribua certas alterações do texto" [R. de Vaux, *Les Institutions de l'AT*, II, Paris, 1967, pág. 299]. Uma explicação semelhante é dada a respeito do Dia da Expição:

"Todos os pormenores rituais descritos em Levítico 16 estão, aliás, longe de ser claros; os processos redacionais sucessivos provavelmente misturaram as coisas" (K. Hruby, loc. cit., pág. 60). Podemos ver assim que o espírito histórico-crítico tem desanimado toda iniciativa para buscar compreender a significação teológica em conjunto da contaminação e da

purificação do santuário, à luz dos textos bíblicos em questão.

15. Sem falar em paradoxo. A. A. Ibañez (*El Levítico*, Vitória, 1974, págs. 139 e 140) diz o seguinte: "Javé comunica Sua santidade ao santuário e os ritos celebrados nele santificam os sacerdotes e o povo. No entanto, outra concepção (cf. Lev. 15:31; Núm. 19:13 e 20; Ezeq. 45:18) supõe que a impureza dos sacerdotes e do povo é comunicada ao santuário."

16. Diversos autores fizeram um estudo sobre as diferentes nuances etimológicas que a língua hebraica tem no tocante a este assunto; por exemplo: W. Paschen, *Rein und Unterin. Untersuchung zur biblischen Wortgeschichte* (München, 1970), págs. 27 e 28; G. F. Hasel, loc. cit., pág. 92; A. Treiyer, *Le Jour des Expiations et la Purification du Sanctuaire* (Tese de doutorado em Teologia, Strasbourg, 1962), págs. 114-118.

17. Aqui podemos simplesmente mencionar os termos principais: *tm*, *sqs*, *niddah*, *g'd*, *haneph* (*hanep*), *pigul*, *hll*.

18. Embora a presença divina sempre permanecesse oculta aos olhos do povo (cf. I Reis 8:12), detrás do véu do Lugar Santíssimo do Templo, ela se ocultava ainda mais quando não respondia aos clamores do povo. (Ezeq. 39:23).

19. Nestes casos, os ritos de sangue são sempre efetuados fora dos lugares Santo e Santíssimo (Êxo. 29:12, 36 e 37; Lev. 8:15; 9:9 e 15; Ezeq. 43:18, 20, 22 e 26; II Crôn. 29:21, 22 e 24). Ver também I Reis 8:62-64; II Crôn. 7:7 e 9, onde a transferência do culto do tabernáculo para o templo e a dedicação deste último são também efetuadas por meio de ritos e sacrifícios no altar do pátio.

20. Reparação ou reconstrução: II Crôn. 29:3-19; Esd. 6:15; Ezeq. 43:18; restabelecimento dos serviços do culto ou dedicação: II Crôn. 29:21-35; Esd. 6:17; Ezeq. 43:19-26. Esses ritos de reconstrução ou restabelecimento do culto devem estar, portanto, mais relacionados com Números 7:28 e 29 e Levítico 8 e 9, do que com Levítico 16, pois as semelhanças são maiores, não somente em razão do propósito e das circunstâncias, mas também do lugar em que são efetuados.

21. Em nossa tese já citada, dedicamos grande parte de dois capítulos para destacar pormenorizadamente essas duas diferenças fundamentais.

(Continua)

O Arrebatamento "Secreto" é a Bendita Esperança?

Dr. Hans K. LaRondelle
Professor de Teologia
na Universidade Andrews, EE.UU.

O Novo Testamento ensina que a Igreja de Jesus Cristo, apesar de esperar uma grande apostasia e tribulação, deve aguardar "a bendita esperança" do segundo advento do Messias, quando Jesus voltará do

Céu em divina glória para ressuscitar os mortos em Cristo, para salvar os justos vivos e destruir o Anticristo opressivo:

"Porque o Filho do homem há de vir na glória de Seu Pai, com os

Seus anjos, e então retribuirá a cada um conforme as suas obras."

"[Cristo] aparecerá segunda vez, sem pecado, aos que O aguardam para a salvação." Heb. 9:28.

"Porquanto o Senhor mesmo, da-

da a Sua palavra de ordem, ouvida a voz do arcanjo, e ressoada a trombeta de Deus, descerá dos Céus [parousia, v. 15], e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; depois nós, os vivos, os que ficarmos, seremos arrebatados juntamente com eles, entre nuvens, para o encontro do Senhor nos ares, e assim estaremos para sempre com o Senhor." I Tess. 4:16 e 17.

"Porque Deus fará o que é justo: Ele trará sofrimento sobre aqueles que fazem vocês sofrerem, e dará descanso a vocês e também a nós que sofremos. Ele fará isto quando o Senhor Jesus aparecer do Céu, junto com Seus anjos poderosos, com uma chama de fogo." II Tess. 1:6 e 7.

"Então será de fato revelado o iníquo, a quem o Senhor Jesus matará com o sopro de Sua boca, e o destruirá, pela manifestação de Sua vinda [parousia]." II Tess. 2:8.

"Eis que vos digo um mistério: Nem todos dormiremos, mas transformados seremos todos, num momento, num abrir e fechar de olhos, ao ressoar da última trombeta. A trombeta soará, os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados.... Então se cumprirá a palavra que está escrita: Tragado foi a morte pela vitória." I Cor. 15:51, 52 e 54.

De acordo com a escatologia dispensacional, a segunda vinda de Cristo precisa ser dividida em duas ocorrências: o arrebatamento secreto da Igreja, que pode suceder "em qualquer momento", seguido sete anos mais tarde pela gloriosa segunda vinda de Cristo para destruir o anticristo. Durante esses sete anos intermediários, ocorrerá a Grande Tribulação para o povo judeu (o Israel nacional). No arrebatamento, antes dessa tribulação, Cristo virá só para os santos (ver S. João 14:3); na gloriosa parousia ou epiphaneia ("revelação") Cristo virá com os santos (ver I Tess. 3:13). Este é, em suma, o programa de acontecimentos ensinado pelos dispensacionalistas da pré-tribulação.

Se, como eu creio, esse programa não se baseia em exegese bíblica responsável, mas é imposto à Escritura Sagrada por uma doutrina preconcebida, de separação de Israel e a Igreja, então a cuidadosa comparação da Escritura com a própria Escritura deve estabelecer qual é a verdadeira e bendita esperança do povo de Cristo Jesus e sua relação com a tribulação final. Assim que for determinado pela Escritura Sagrada que o "arrebatamento" e o "glorioso aparecimento" não são dois acontecimentos separados, mas um só e glorioso Advento, ficará demonstrado que a dou-

trina de um arrebatamento iminente, antes da tribulação, constitui um conceito imperfeito e uma esperança deturpada.

Unidade de Vocabulário

O Novo Testamento emprega três vocábulos gregos para descrever o Segundo Advento de Cristo: *parousia* (vinda), *apocalypsis* (revelação) e *epiphaneia* (aparecimento).

A *parousia* de Cristo é descrita em I Tessalonicenses 3:13; 4:15-17; II Tessalonicenses 2:8 e S. Mateus 24:27. A comparação destas passagens torna claro uma coisa: A *parousia* de Cristo causará não somente o arrebatamento da Igreja e a ressurreição dos justos mortos, mas também a destruição do anticristo, o iníquo. Em II Tessalonicenses 2:8 Paulo fala do "esplendor da Sua vinda" (literalmente: "epiphaneia de Sua parousia"), apontando assim para a *parousia* como um acontecimento dramático e glorioso. Aguardar esse glorioso aparecimento de Cristo é, para o apóstolo, a "bendita esperança" da Igreja: "Aguardamos a bendita esperança — o glorioso aparecimento [Epiphaneia] de nosso grande Deus e Salvador, Jesus Cristo." Tito 2:13, *The New International Version*. Cristo até comparou Sua *parousia* com o lampejo do relâmpago do oriente até o ocidente, salientando novamente um acontecimento visível que será evidente para todas as pessoas (ver S. Mat. 24:27).

No Novo Testamento não se encontra nenhuma indicação de um arrebatamento secreto, invisível ou instantâneo da Igreja. Pelo contrário, I Tessalonicenses 4:15-17 insinua exatamente o oposto: "alarido", "voz do Arcanjo", "a trombeta de Deus", "os mortos em Cristo ressuscitarão" (Grifo acrescentado). Os santos vivos serão "arrebatados" juntamente com os santos ressuscitados, para o encontro com o Senhor nos ares. Nenhuma palavra sobre algo secreto, sobre invisibilidade ou mesmo sobre um arrebatamento instantâneo! Em I Coríntios 15, Paulo revela o mistério de que a Igreja será "transformada", passando da mortalidade para a imortalidade, "num momento, num abrir e fechar de olhos, ao ressoar da última trombeta" (v. 52). É esta transformação que será instantânea, segundo Paulo, e não o arrebatamento da Terra para os ares ou para o Céu. A *Parousia* de Cristo será o acontecimento mais dramático e sensacional na história humana — salvação para todos os santos e punição para o mundo im-

penitente e o anticristo — e não ocorrerá a qualquer momento, mas no ressoar da última trombeta do tempo designado por Deus (ver I Cor. 15:51-55; Atos 1:6 e 7).

A destruição dos ímpios perseguidores da Igreja de Cristo também ocorrerá no *apocalypsis* ou revelação de Jesus Cristo em glória (ver II Tess. 1:6 e 7). Será nessa revelação ou manifestação de Cristo que a Igreja terá alívio de sua perseguição, não em algum "arrebatamento secreto" sete anos antes da gloriosa manifestação de Cristo "com os anjos do Seu poder, em chama de fogo" (II Tess. 1:7).

Paulo ensinou à Igreja de Corinto que ela devia aguardar "a revelação [apocalypsis] de nosso Senhor Jesus Cristo" (I Cor. 1:7). Isto faz do glorioso *apocalypsis* ou revelação de Jesus Cristo a bendita esperança da Igreja. Este acontecimento ocorre "no dia de nosso Senhor Jesus Cristo" (I Cor. 1:8). Pedro também chama a esperança de salvação para a Igreja, não de arrebatamento, mas "a revelação" da glória de Jesus Cristo (ver I S. Ped. 1:7 e 13; 4:13). Chegamos, portanto, à conclusão de que o Novo Testamento não faz distinção entre a *parousia*, o *apocalypsis* e a *epiphaneia* de Jesus Cristo. Estes vocábulos denotam um só e indivisível advento de Cristo para trazer salvação de eterna glória a todos os crentes, e punição a seus ímpios perseguidores.

O vocabulário do Novo Testamento que retrata a volta de Cristo como a bendita esperança da Igreja não abona a idéia de duas vindas ou de duas fases de Sua vinda, separadas por um período de sete anos de tribulação. Ele confirma só um aparecimento de Cristo em glória, para livrar a Igreja do anticristo no fim da tribulação.¹ A Inspiração diz que Ele "aparecerá segunda vez" (Heb. 9:28), e não "mais duas vezes".

A Base do Arrebatamento Antes da Tribulação

Como, então, os dispensacionalistas obtiveram a idéia do "arrebatamento secreto"?

Ela é basicamente o resultado da hermenêutica de um literalismo preconcebido acerca de "Israel". C. C. Ryrie explica: "A distinção entre Israel e a Igreja conduz à crença de que a Igreja será arrebatada da Terra antes do começo da tribulação (que em grande parte diz respeito a Israel)."²

Quando alguém pergunta por que o tempo de tribulação só terá que ver com o Israel literal ou os judeus, e não com a Igreja, J. F. Wal-

voord declara que a grande tribulação é "um tempo de preparação para a restauração de Israel (Deut. 4:29 e 30; Jer. 30:4-11)."³ Qual é, porém, a natureza desse tempo de preparação, de acordo com Deuterônimo 4:29 e 30:1-10? Uma grande tribulação? Não, mas um tempo de buscar a Yahweh de todo o coração e de nova obediência a Seus mandamentos! Moisés tornou esta preparação espiritual a condição explícita para o retorno à Terra Prometida e a restauração da teocracia quando Israel estivesse no aperto da dispersão. A promessa de que Deus proferiria um remanescente fiel e espiritual durante o exílio babilônico, o tempo de angústia de Jacó (ver Jer. 30:7), não invalida ou obscurece o divino requisito prévio de verdadeiro arrependimento antes que esse remanescente que crê seja restaurado à terra de bênção e prosperidade (ver Deut. 30:1-10). Uma análise mais atenta de Jeremias, capítulos 30 e 31, revela a conhecida antologia das promessas de restauração para as doze tribos no *cativeiro assírio-babilônico*. Elas abrangem a promessa do novo concerto de que Yahweh proverá um novo espírito de obediência voluntária nos corações de um Israel e Judá arrependidos. (Ver Cap. 31:31-34, 18 e 19; 30:9.) Tal era a natureza espiritual do tempo de preparação de Israel em sua tribulação babilônica, antes de sua restauração. A Bíblia não apresenta um programa diferente de Deus para Israel hoje em dia ou no futuro. Essas promessas condicionais de Deus são inalteradas e irrevogáveis para Israel até o Juízo final.

Por que, então, alguns dos principais escritores dispensacionais inferem que a Igreja de Cristo não passará pela tribulação final ou repressão pelo anticristo? Por que a Igreja não necessita desse tempo de preparação para sua glorificação?

Walvoord declara: "Nenhuma das passagens do Novo Testamento sobre a tribulação menciona a Igreja (S. Mat. 24:15-31; I Tess. 1:9 e 10; 5:4-9; Apoc. 4-19)."⁴ No entanto, todas essas passagens são inquestionavelmente dirigidas à Igreja de Cristo! O argumento do silêncio não prova coisa alguma. R. H. Gundry replica com acerto: "A Igreja não é mencionada como tal em Marcos, Lucas, João, II Timóteo, Tito, I Pedro, II Pedro, I João, II João ou Judas, nem até o capítulo 16 de Romanos. A menos que estejamos preparados para relegar grandes porções do Novo Testamento a um limbo de irrelevância para a Igreja, não podemos fazer da men-

Ao contrário do que ensinam os dispensacionalistas, no Novo Testamento não há nenhuma indicação de um arrebatamento secreto, invisível ou instantâneo da igreja.

ção ou da omissão da palavra 'igreja' um critério para determinar a aplicabilidade de uma passagem aos santos da época presente."

Por outro lado, o Apocalipse de S. João mostra que uma inumerável multidão de crentes no Senhor Jesus Cristo "vêm da grande tribulação, lavaram suas vestiduras, e as alvejaram no sangue do Cordeiro" (Apoc. 7:14). Esses santos que passaram pela tribulação sofreram intensamente por causa de Cristo (ver Apoc. 7:16 e 17). Podemos asseverar que esses cristãos provêm unicamente da raça judaica, quando João não faz diferença entre os santos da tribulação e os cristãos, quando ele até declara explicitamente que se acham diante do trono e do Cordeiro provêm "de todas as nações, tribos, povos e línguas" (Apoc. 7:9)? Essa "grande tribulação" não se refere à ira punitiva de Deus sobre os impenitentes, mas à cruel perseguição dos santos pelo anticristo e pelo falso profeta; em suma, à ira de Satanás (ver Apoc. 12:17; 13:15-17; 14:12).

Jesus advertiu Seus seguidores de antemão que eles passariam por aflições ou tribulação por Sua causa, e até seriam mortos em fanatismo religioso (ver S. João 16:2 e 33). À Igreja em Esmirna, o Cristo exaltado enviou esta consolação: "Não temas as coisas que tens de sofrer. Eis que o diabo está para lançar em prisão alguns dentre vós, para serdes postos à pava, e tereis tribulação de dez dias. Sê fiel até à morte, e dar-te-ei a coroa da vida." Apoc. 2:10; cf. 1:9; Atos 14:22; Rom. 5:3.

Para evitar a natural e normal interpretação dos santos como a Igreja de Cristo em Apocalipse capítulos 6 a 20, as palavras do Céu a João em Apoc. 4:1: "Sobe para aqui, e te mostrarei o que deve acontecer depois destas coisas", são interpretadas como ensinando o arrebatamento da Igreja, da Terra para o Céu. Semelhante exegese forçada é, porém, rejeitada até mesmo por alguns escritores dispensacionais, como R. H. Gundry. Ele admite que a exegese literal requer que aquelas palavras sejam aplicadas à própria pessoa de João, o Revelador, e a frase "depois destas coisas" (*meta tauta*) à seqüência de João estar recebendo uma nova visão em sua experiência pessoal. Depois de sua visão na Terra, João é convidado a ver uma nova cena no Céu. Não há nenhuma referência a uma sucessão de tempos ou dispensações de cumprimentos de visões.⁶

Inferimos, portanto, que a Igreja sob a direção de Cristo passará por severas tribulações, mas será vitoriosa, e resistirá também à grande tribulação final causada pelo anticristo (ver I Tess. 3:3; I S. João 2:18;



A. Rios

4:3; S. Mat. 16:18). Paulo escreve que a Igreja está "designada" para tribulações (I Tess. 3:3); contudo, "Deus não nos destinou para a ira, mas para alcançar a salvação mediante nosso Senhor Jesus Cristo" (I Tess. 5:9). Conseqüentemente, precisamos fazer distinção entre a tribulação da perseguição pelo anticristo e a punitiva ira de Deus designada unicamente ao mundo impenitente.

Durante as sete pragas de Apocalipse 16, que são flagelos de Babilônia, a Igreja sobre a Terra recebe a promessa de Cristo, de proteção divina, assim como o Israel antigo desfrutou a proteção de Deus quando Ele feriu o Egito com dez pragas (ver Apoc. 3:10 e 11; 14:20; 16:15; Êxo. 11:7). A Igreja de Cristo sofrerá perseguição durante a tribulação final da Babilônia anticristã, mas não sofrerá a ira divina. Esta ira, que será derramada do Céu sobre a perversa Babilônia durante a crise final, culmina no Armagedom e no livramento do povo de

Deus pelo glorioso Segundo Advento de Cristo (ver Apoc. 13:15-17; 14:6-20; 16; 18:4; 19:11-21). O apocalipse não menciona nenhum arrebatamento da Igreja antes da tribulação, mas apresenta, em vez disso, uma segunda vinda de Cristo exclusivamente após a tribulação. Esta conclusão é confirmada em outras passagens apocalípticas do Novo Testamento, por Cristo e Paulo, que apresentam a inegável ordem: primeiro a grande tribulação para a Igreja, e então seu livramento pela gloriosa manifestação de Cristo.

Uma *parousia* ou um "arrebatamento secreto" da Igreja antes da tribulação não é um ensino do Novo Testamento (nem explícita ou implicitamente), mas se baseia na doutrina preconcebida de uma separação entre israelitas e cristãos. Esta separação é então imposta aos textos devido a essa doutrina.

Qualquer separação básica dos povos do velho e do novo concerto só tem validade se houver uma separação bíblica entre Yahweh e

Cristo, entre o Redentor de Israel e o Redentor da Igreja. Jesus Cristo, no entanto, afirmou ser, enfaticamente, o Único Pastor de ambos os rebanhos que viera reunir tanto judeus como gentios num só rebanho com o mesmo destino — a Nova Jerusalém (ver S. João 10:14-16; Apoc. 21). ■■

Referências:

1. Para um estudo pormenorizado, ver G. E. Ladd, *The Blessed Hope* (Eerdmans, 1960), Capítulo 3. O teólogo dispensacional, Charles F. Baker, *A Dispensational Theology* (Grand Rapids, Michigan: Grace Bible Col. Publ., 1972) admite, após sua análise das três palavras para a segunda vinda: "Temos de chegar à conclusão de que a distinção entre a vinda de Cristo por ocasião do Arrebatamento e Sua volta à Terra não pode ser estabelecida simplesmente pelas palavras que são usadas" (pág. 616).
2. *Dispensationalism Today*, pág. 159. Cf. J. F. Walvoord, *The Rapture Question* (Zondervan, 1972), pág. 192: "Só o pretribulacionismo distingue claramente entre Israel e a Igreja e seus respectivos programas."
3. Walvoord, *Idem*, pág. 193.
4. *Ibidem*.
5. *The Church and The Tribulation* (Zondervan, 1973), pág. 78.
6. Ver R. H. Gundry, *Idem*, págs. 64-66.

EVANGELISMO

Como Preguar de Tal Modo que Ninguém se Converta

E. G. Finney

Este artigo, escrito pelo renomado avivalista Charles Finney, constitui uma adaptação do que foi publicado na Advent Review and Herald of the Sabbath, em 22 de julho de 1875. A linguagem antiquada, no inglês, pode dar uma idéia de quantos anos decorreram desde aquele tempo, mas os pregadores que seguirem estas regras podem estar tão certos de que não converterão ninguém, como os seus colegas há mais de um século.

O desígnio deste artigo é propor diversas regras de tal índole que, se alguém pregar estritamente de acordo com qualquer delas, não consiga converter a pessoa alguma. No tempo presente geralmente se admite que o Espírito Santo converte almas a Cristo por meio da verdade adaptada a essa finalidade.

Depreende-se que um pregador egoísta não fará hábeis adaptações para converter almas a Cristo, pois este não é o seu objetivo.

REGRA Nº 1. Seu supremo intuito deve ser assegurar sua própria popularidade; é claro que então sua pregação será adaptada a essa finalidade, e não para converter almas a Cristo.

REGRA Nº 2. Procure agradar, e não converter seus ouvintes. Faça com que seus ouvintes estejam satisfeitos consigo mesmos e com você, e tenha o cuidado de não ferir os sentimentos de quem quer que seja.

REGRA Nº 3. Procure obter a reputação de ser um admirável escritor.

REGRA Nº 4. Redija os seus sermões com elevado grau de esmero literário, para que sejam floridos, aparatosos, e se encontrem bem acima da compreensão do povo em geral, de modo que seus

ouvintes digam: "Foi um lindo sermão!", mas não consigam mencionar nada mais além disso.

REGRA Nº 5. Seja parcimonioso nos pensamentos, para que o seu sermão não contenha verdade suficiente para converter uma alma. Não apresente pontos distintos, e não aborde questões que perturbem a consciência de seus ouvintes, para que não se lembrem delas e se alarmem com a condição de sua alma.

REGRA Nº 6. Evite pregar sobre doutrinas que são desagradáveis à mente carnal, para que eles não digam de você o que disseram de Cristo: "Duro é este discurso, quem o pode ouvir?", e para que você não prejudique a sua influência.

REGRA Nº 7. Denuncie o pecado de maneira abstrata, mas não faça alusão aos pecados de seu atual auditório. Evite especialmente pregar aos que se acham presentes. Pregue sobre pecadores, mas não a eles. Diga: eles, mas não: você, para que ninguém faça uma aplicação pessoal e salutar de seu assunto.

REGRA Nº 8. Conserve fora de vista a espiritualidade da santa lei de Deus, pela qual vem o conhecimento do pecado, para que o pecador não veja sua condição desesperadora e não fuja da ira por vir.

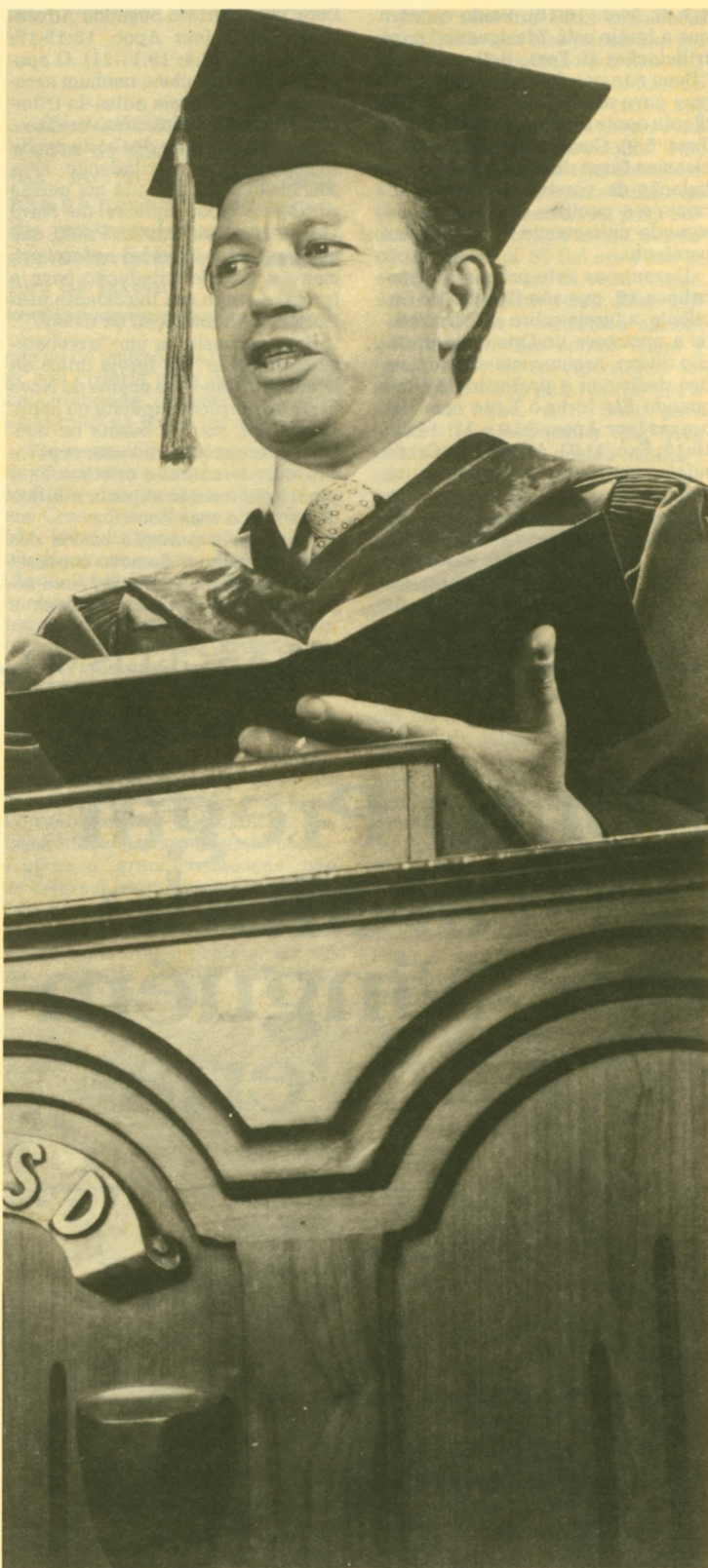
REGRA Nº 9. Pregue a salvação pela graça; mas não leve a sério a condição do pecador como alguém que está condenado e perdido, para que ele não compreenda o que você quer dizer com a palavra graça e não sinta necessidade dela.

REGRA Nº 10. Não pregue sermões perscrutadores, para que você não convença e converta os membros mundanos de sua igreja.

REGRA Nº 11. Não cause a impressão de que Deus ordena seus ouvintes que obedeçam à verdade agora mesmo.

REGRA Nº 12. Não dê a impressão de que espera que seus ouvintes entreguem o coração a Deus neste próprio momento.

REGRA Nº 13. Deixe a impressão de que se espera que eles vão embora em seus pecados e considerem a questão como lhes convier.



REGRA Nº 14. Alongue-se muito sobre a sua incapacidade para obedecer, e deixe a impressão de que precisam esperar que Deus transforme sua natureza.

REGRA Nº 15. Não apele para os temores dos pecadores; mas cause a impressão de que eles não têm razão para temer.

REGRA Nº 16. Cause a impressão de que se Deus é tão bom como você, não enviará ninguém para o inferno.

REGRA Nº 17. Pregue o amor de Deus, mas despreze a santidade de Seu amor, que de maneira alguma absolverá o pecador impenitente.

REGRA Nº 18. Procure converter pecadores a Cristo sem produzir desagradáveis convicções do pecado.

REGRA Nº 19. Adule os ricos, de modo que sejam repelidos os pobres, e assim você não converterá a nenhuma pessoa dessas duas classes.

REGRA Nº 20. Não faça alusões desagradáveis às doutrinas da abnegação, de levar a cruz e da

crucifixão para o mundo, a fim de não convencer e converter alguns dos membros de sua igreja.

REGRA Nº 21. Não censure as tendências mundanas da igreja, para não ferir suas suscetibilidades e acabar convertendo alguns deles.

REGRA Nº 22. Se alguém expressar ansiedade por sua alma, não o perturbe com penosas alusões a seu pecado e má conduta, mas o estimule a unir-se imediatamente à igreja, e recomende que suponha que encontrará perfeita segurança dentro do aprisco.

REGRA Nº 23. Pregue o amor de Cristo, não como benevolência esclarecida, que é santa, justa, e odeia o pecado; mas como sentimento, como afeição involuntária e indiscriminada.

REGRA Nº 24. Tenha cuidado de não representar a religião como um estado de amorosa abnegação pessoal por Deus e as almas; e, sim, como um estado de livre e confortável condescendência pessoal. Assim você evitará que haja sólidas conversões a Cristo, e converterá seus ouvintes a si mesmo.

REGRA Nº 25. Escolha e apresente os seus assuntos de modo que atraíam e lisonjeiam as classes abastadas, aristocráticas, comodistas, extravagantes e apegadas aos prazeres terrenos, e você não converterá nenhuma delas à religião de Cristo, de levar a cruz.

REGRA Nº 26. Seja oportunista, para não arriscar o seu salário; e, além disso, se falar com franqueza e for fiel, talvez converta alguém.

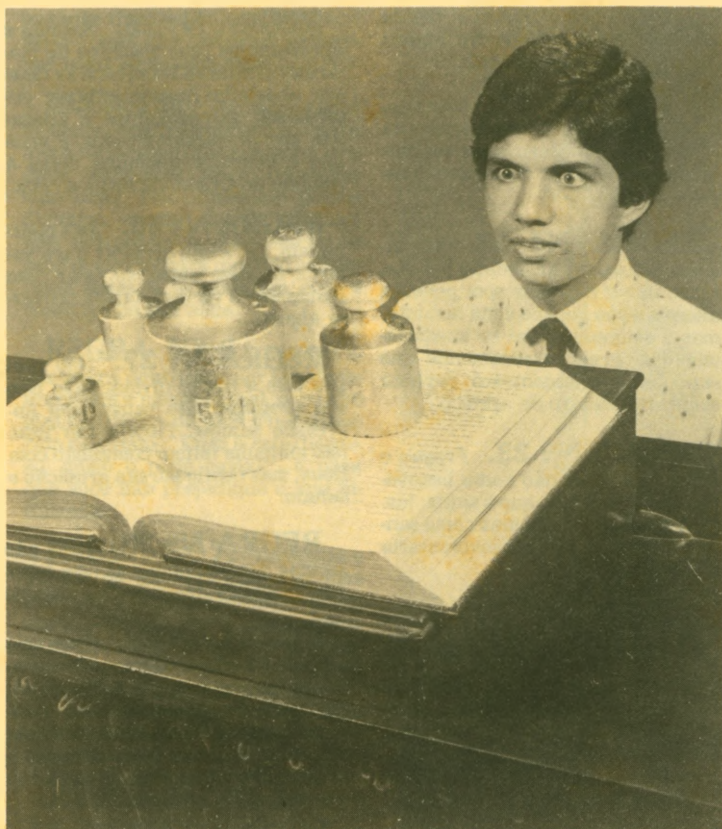
REGRA Nº 27. Não pregue com a unção divina, para que sua pregação não cause uma impressão salutar. Para evitar isso, não matenha íntima comunhão com Deus, mas confie em sua erudição e estudo.

REGRA Nº 28. Para não pregar demais, ocupe-se com leituras frívolas e diversões mundanas.

REGRA Nº 29. Para que as pessoas não pensem que você se preocupa com a salvação de sua alma, e, como consequência, atendam à pregação, promova quermesses, rifas e outros jogos de azar e expedientes mundanos de angariar dinheiro para projetos da igreja.

A. Rios





Paulo Guimarães/Casa

REGRA Nº 30. Não censure a extravagância no vestuário, para não causar má impressão nos membros de igreja que são fúteis e mundanos.

REGRA Nº 31. Ridiculizar a solene diligência em arrancar pecadores do fogo, e recomendar, por preceito e exemplo, uma religião jovial e amante dos divertimentos, e os pecadores terão pouco respeito por suas pregações mais sérias.

REGRA Nº 32. Cultive um gosto fastidioso em seu povo, evitando todas as alusões desagradáveis ao juízo final e à punição final. Trate tais doutrinas inquietantes como obsoletas e inoportunas nestes dias de refinamento cristão.

REGRA Nº 33. Não se empenhe em reformas muito necessárias, para não comprometer sua popularidade e prejudicar sua influência. Ou torne algum ramo de reforma exterior uma verdadeira paixão e alongue-se tanto sobre ele que seja desviada a atenção da grandiosa obra de converter almas para Cristo.

Se alguém pregar estritamente de acordo com qualquer das 42 regras aqui expostas, não conseguirá converter pessoa alguma.

REGRA Nº 34. Exiba tanto a religião que seja incentivada sua procura egoísta. Cause a impressão nos pecadores de que sua própria segurança e felicidade constituem o supremo motivo para serem religiosos.

REGRA Nº 35. Não dê muita ênfase à eficácia ou necessidade da oração, para que o Espírito Santo não seja derramado sobre você e a congregação, e não sejam convertidos pecadores.

REGRA Nº 36. Cause bem pouca ou nenhuma impressão sobre os seus ouvintes, de modo que possa repetir várias vezes seus velhos sermões sem que eles o percebam.

REGRA Nº 37. Se o texto que está sendo considerado insinuar algum pensamento alarmante, passe-o por alto ou trate-o levemente, mas não se demore sobre ele nem o saliente.

REGRA Nº 38. Evite toda ilustração, repetição e frase enfática que possa compelir seu povo a recordar o que você está dizendo.

REGRA Nº 39. Evite todo entusiasmo e fervor em sua alocução, para não dar a impressão de que realmente acredita no que está dizendo.

REGRA Nº 40. Seja acanhado e tímido ao apresentar as reivindicações de Deus, como conviria que fizesse ao apresentar suas próprias reivindicações.

REGRA Nº 41. Tenha o cuidado de não testemunhar do poder do evangelho em sua própria experiência pessoal, para não produzir a convicção nos ouvintes de que você possui alguma coisa de que eles necessitam.

REGRA Nº 42. Procure não dizer algo que algum de seus ouvintes possa aplicar a si mesmo, a menos que seja alguma coisa li-sonjeira.

A experiência de pastores que aderiram firmemente às regras acima atesta a eficácia de semelhante atitude para destruir almas, e as igrejas cujos pastores se sujeitaram invariavelmente a algumas dessas regras podem testificar que tal espécie de pregação não converte almas para Cristo. Caso se convertam almas nas congregações afligidas por semelhante ministério, isto se dará por outros meios.

MINISTÉRIO

ADVENTISTA

Uma Revista para Pastores e Obreiros

MAI/JUN 84



NÚMERO 3